ORGANIZADORES:
Cassandra Cardoso
Angélica Paula Neumann
Felipe Biasus

COLEÇÃO:

EBOOK TCC

INICIAÇÃO À PESQUISA EM PSICOLOGIA

URI
ERECHIM

EDIFAPES

ISBN 978-65-88528-03-7

2020

ORGANIZADORES:
Cassandra Cardoso
Angélica Paula Neumann
Felipe Biasus

Iniciação à Pesquisa em Psicologia
(volume II)

Série: Trabalhos Acadêmicos Coleção em: E-Book TCC

EDIFAPES
Erechim/RS
2020

Todos os direitos reservados à EDIFAPES.
Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão dos autores. Os dados e a completude das referências são de inteira e única responsabilidade dos autores.

Editoração/Diagramação: EdiFAPES
Revisão: Autores
Capa: (Assessoria de Marketing, Comunicação e Eventos /URI Erechim)

Conselho Editorial:
Adilson Luis Stankiewicz (URI / Erechim/RS) - Presidente
Arnaldo Nogaro (URI / Erechim/RS)
Cláudia Petry (UPF / Passo Fundo/RS)
Elcemina Lucia Balvedi Pagliosa (URI / Erechim/RS)
Elisabete Maria Zanin (URI /Erechim/RS)
Jadir Camargo Lemos (UFSM / Santa Maria/RS)
José Eduardo dos Santos (UFSCar - São Carlos/SP)
Maria Elaine Trevisan (UFSM / Santa Maria/RS)
Michèle Satto (IFMT / Cuiabá/MT)
Neila Tonin Agranionih (UFPR / Curitiba/PR)
Sérgio Bigolin (URI / Erechim/RS)
Yuri Tavares Rocha (USP / São Paulo/SP)

I56 Iniciação à pesquisa em psicologia [recurso eletrônico] / organização Cassandra Cardoso ... [et al.]. – Erechim, RS: EdiFAPES, 2020.
1 recurso online. – (Trabalhos Acadêmicos Coleção em E-Book TCC)

ISBN 978-65-88528-03-7
Acesso em: <www.uricer.edu.br/edifapes >

1.Psicologia 2. Relações conjugais 3. Paraplegia 4. Adaptação universitária 3. Síndrome de Burnet I. Cardoso, Cassandra II. Neumann, Angélica Paula III. Biasus, Felipe IV. Série

C.D.U.: 159.9

Catalogação na fonte: bibliotecária Sandra Milbrath CRB 10/1278

EDIFAPES

Livraria e Editora
Av. 7 de Setembro, 1621
99.709-910 – Erechim-RS
Fone: (54) 3520-9000
www.uricer.edu.br

Apresentação

Neste momento de desafios, oferecemos à comunidade acadêmica o segundo E-book TCC do Curso de Psicologia. Esta edição apresenta artigos decorrentes de pesquisas realizadas por nossos acadêmicos, em diversas da Psicologia. São alguns dos Trabalhos de Conclusão realizados em 2019 e apresentados em um Evento Científic congregou os acadêmicos do Curso em torno da produção dos alunos.

Este e-book segue o antecessor na série "Iniciação à Pesquisa em Psicologia", confirmando o direcionamento dos discentes e docentes do Curso para o incentivo à pesquisa. Na área da Psicologia do Trabalho, dois artigos abordaram temas cruciais. O primeiro, de autoria da acadêmica Jaíne Barbosa, que, orientada pela professora Letícia Ribeiro Souto Pinheiro, investigou o planejamento de carreira e inserção no mercado de trabalho por acadêmicos em fase de conclusão de curso. O artigo contemplou a realidade de nossos acadêmicos, com resultados que indicaram a importância das práticas profissionalizantes no período da graduação. Além da inserção no mercado, a saúde no trabalho também foi abordada. A acadêmica Sandy Saurin Gaieski e a professora Leticia Ribeiro Souto Pinheiro realizaram uma pesquisa com 104 gestores, na qual foram encontradas correlações entre determinadas variáveis sociodemográficas e laborais. Os resultados demonstraram a necessidade de que maiores informações possam ser transmitidas aos profissionais, para melhorar a qualidade de vida no ambiente de trabalho.

As relações amorosas foram pesquisadas no artigo "Especificidades do relacionamento amoroso de cadeirantes" de autoria de Cleidi Mara Borba, orientada pela professora Angélica Paula Neumann. Em uma abordagem qualitativa, os resultados do estudo demonstraram uma conjugalidade demarcada pelo cuidado, carinho e companheirismo entre os cônjuges. Em "A experiência de ser solteira depois dos trinta anos" a acadêmica Ticiana Camerini e a professora Angélica Paula Neumann abordaram o universo de mulheres solteiras e suas expectativas para novas relações amorosas.

O tema da adolescência também foi pesquisado. Edionara Salete Carbonera, orientada pelo professor Felipe Biasus, investigou a representação social de adolescentes sobre o uso de drogas nesta fase do desenvolvimento. A análise dos dados foi realizada através das evocações de palavras por meio do software EVOC, que forneceu dados para o reconhecimento da estrutura das representações sociais. No que se refere ao desenvolvimento cognitivo dos adolescentes, Gabriela Binder avaliou a relação entre o nível de compreensão leitora e processos cognitivos relacionados à memória de adolescentes, orientada pela professora Jacqueline Raquel Bianchi Enricone.

Para finalizar, a relação entre adaptação acadêmica, autoeficácia acadêmica e autoestima em universitários foi abordada no artigo de Carini Zambiasi Vieira, orientada pela professora Cassandra Cardoso. Os resultados indicam a hipótese de que o incremento da autoestima pode aumentar a autoeficácia acadêmica e a própria adaptação ao ensino superior.

Os temas são todos muito atuais e foram problematizados por nossos alunos. Nesta época de superação e enfrentamento de dificuldades que vivemos, em função da Pandemia, a publicação de mais uma edição do E-book TCC Psicologia demonstra que estamos seguindo em frente, realizando o nosso trabalho, compartilhando conhecimentos e questionamentos produzidos por meio da pesquisa, tão relevante para a constituição de profissionais autônomos. E para a próxima edição, que venham os trabalhos de 2020! Boa leitura a todos!

Erechim, setembro de 2020.

Sumário

1 PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS EM FASE DE CONCLUSÃO DE CURSO SOBRE O PLANEJAMENTO DE CARREIRA E INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO 6

Jaíne Barbosa e Letícia Ribeiro Souto Pinheiro

2 SÍNDROME DE BURNOUT E FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS E LABORAIS ASSOCIADOS: UM ESTUDO COM GESTORES DE EMPRESAS PRIVADAS 18

Sandy Saurin Gaieski e Leticia Ribeiro Souto Pinheiro

3 ESPECIFICIDADES DO RELACIONAMENTO AMOROSO DE CADEIRANTES 28

Cleidi Mara Borba e Angélica Paula Neumann

4 A EXPERIÊNCIA DE SER SOLTEIRA DEPOIS DOS TRINTA ANOS 38

Ticiana Camerini e Angélica Paula Neumann

5 A PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES SOBRE O USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL 49

Edionara Salete Carbonera e Felipe Biasus

6 A RELAÇÃO ENTRE O NÍVEL DE COMPREENSÃO LEITORA E PROCESSOS COGNITIVOS RELACIONADOS À MEMÓRIA DE ADOLESCENTES 59

Gabriela Binder e Jacqueline Raquel Bianchi Enricone

7 ADAPTAÇÃO ACADÊMICA, AUTOEFICÁCIA ACADÊMICA E AUTOESTIMA EM UNIVERSITÁRIOS 69

Carini Zambiasi Vieira e Cassandra Cardoso

PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS EM FASE DE CONCLUSÃO DE CURSO SOBRE O PLANEJAMENTO DE CARREIRA E INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Perception of academics in the conclusion phase of course on career planning and insertion in the labor market

Jaíne Barbosa[1]; Letícia Ribeiro Souto Pinheiro[2]

[1]Psicóloga pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim. *E-mail*: jainebarbbosa64@gmail.com
[2]Doutora em Psicologia, Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim. *E-mail*: leticia@uricer.com.br

RESUMO: O momento da escolha do curso de graduação caracteriza-se por sentimentos de dúvidas e incertezas, bem como, próximo de sua conclusão, as expectativas em relação à inserção no mercado de trabalho, também estão relacionadas a tais sentimentos. Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo apresentar a percepção de acadêmicos em fase de conclusão de curso sobre planejamento de carreira e suas expectativas em relação à entrada no mercado de trabalho. Trata-se de um estudo qualitativo, no qual foram entrevistados 12 acadêmicos que estavam no último semestre da graduação. Para a coleta dos dados, aplicou-se um questionário semiestruturado, contendo questões que abordaram temas relacionados às expectativas de inserção no mercado de trabalho e planejamento de carreira, sendo que para inquirição das mesmas, utilizou-se a análise de conteúdo. Dos resultados, emergiram quatro categorias, sendo elas: escolha do curso, planejamento de carreira, experiências profissionalizantes e expectativas em relação ao mercado de trabalho. Pode-se constatar que os acadêmicos mesmo apresentando algumas ações, não desenvolvem planejamento de carreira, destacando a ausência de conhecimento sobre o tema. Ademais, salienta-se a importância de aliar o período da graduação com práticas profissionalizantes, com o intuito de agregar e fixar conhecimento.

Palavras-chave: Planejamento de carreira. Mercado de trabalho. Escolha do curso.

ABSTRACT: The moment of choosing the undergraduate course is characterized by feelings of doubts and uncertainties, as well as, close to its conclusion, expectations regarding insertion in the job market are also related to these feelings. Therefore, the present article aims to present the perception of academics in the course of completing a course on career planning and their expectations regarding entry into the labor market. This is a qualitative study, in which 12 academics who were in the last semester of graduation were interviewed. For data collection, a semi-structured questionnaire was applied, containing questions that addressed topics related to the expectations of insertion in the labor market and career planning, and for questioning them, content analysis was used. From the results, four categories emerged, namely: choice of course, career planning, professional experiences and expectations regarding the job market. It can be seen that the academics, even presenting some actions, do not develop career planning, highlighting the lack of knowledge on the subject. Furthermore, the importance of combining the undergraduate period with professional practices is emphasized, with the aim of aggregating and fixing knowledge.

Keywords: Career planning. Job market. Choice of course.

Expectativas, receio, esperança e desesperança são alguns dos sentimentos experienciados por universitários em fase final da graduação. O diploma assume uma posição de condutor para um futuro melhor caracterizado por ganhos rentáveis e satisfação com o que se faz. Porém, ele por si só não garante tais idealizações. Muito mais do que o proferido "canudo", o mercado de trabalho exige um repertório de experiências, competências técnicas e habilidades desenvolvidas dentro de cada área de formação (DIAS; SOARES, 2012).

Com o intuito de minimizar tais sentimentos e garantir uma maior satisfação e realização, o assunto planejamento de carreira tem estado cada vez mais em pauta, nos estudos acadêmicos e na sociedade como um todo. Outrora, a carreira profissional era iniciada no momento em que um indivíduo dava entrada em uma empresa e nela permanecia muitas vezes, durante todo período profissional, exercendo a mesma função. Hoje os conceitos são amplos e voltados para o acúmulo de experiências e desenvolvimento de habilidades, associados às atitudes que o profissional desempenha (OLIVEIRA, 2013).

A ação de buscar emprego, principalmente no período final da graduação e nos anos iniciais da carreira, é tida a partir das percepções que já estão instituídas nos indivíduos. Dentre elas podem-se destacar as de cunho psicológico, como personalidade e autoestima (KANFER, BANBERG; KANTROWIT, 2001, apud MAGALHÃES; TEIXEIRA, 2013), o próprio conceito de emprego (ZIKIC; SAKS, 2009, apud MAGALHÃES; TEIXEIRA, 2013) e o significado de "ser trabalhador" (WANBERG, KANFER; ROTUNDO, 1999, apud MAGALHÃES; TEIXEIRA, 2013). Sendo assim, a busca por emprego e a intensidade com que ela acontece, coexiste com as percepções e o perfil do sujeito.

Pode-se destacar que a escolha profissional caracteriza um dos momentos de maior dúvida e incerteza para os indivíduos (SOARES, 2002). Isso se dá, pois, o trabalho constitui parte significativa na vida dos sujeitos, como garantia de sustento, reconhecimento e possibilidade de transformações (ZANELLI *et al*., 2004). Posto isso, o presente estudo objetivou conhecer a percepção de acadêmicos formandos sobre o planejamento de carreira, suas expectativas em relação à entrada no mercado de trabalho, bem como, identificar quais fatores foram levados em consideração no momento da escolha do curso.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo com delineamento qualitativo, e no que tange ao tempo para coleta dos dados, caracteriza-se como transversal, tendo caráter descritivo-explicativo. Foram entrevistados 12 acadêmicos do último semestre de cursos das distintas áreas do conhecimento. Os primeiros participantes foram selecionados através do método "por conveniência" (COZBY, 2003). Já para a seleção dos demais, utilizou-se o método Snowball ("Bola de Neve"), em que os participantes iniciais do estudo indicam novos participantes (BALDIN;

MUNHOZ, 2011). Como critério de inclusão, observou-se a necessidade de estarem no último semestre do curso de graduação; e como de exclusão, não ter nenhuma formação superior concluída anteriormente.

A coleta dos dados foi realizada através de uma entrevista semiestruturada, que abordou questões sobre planejamento de carreira, expectativas em relação à inserção no mercado de trabalho e experiências profissionalizantes durante o período de formação. Ao material coletado, foi aplicada a Análise de Conteúdo, conforme Bardin (1977), sendo realizada a pré-análise das entrevistas e, posteriormente a elaboração das hipóteses às quais direcionaram a criação das categorias. Por fim, o texto bruto obtido nesse processo, foi classificado de acordo com as categorias, e após foram definidas as subcategorias. A coleta de dados foi realizada após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional Integrada do Alto do Uruguai e das Missões - URI – Câmpus Erechim, com o Parecer 3.011.727. As entrevistas foram individuais e gravadas, e todos os participantes do estudo concordaram e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 12 acadêmicos de ambos os sexos, que estavam no último semestre da graduação das diversas área do conhecimento. Apresenta-se na Tabela I, a caracterização dos participantes de acordo com os dados sociodemográficos.

Tabela I - Caracterização dos participantes

Participantes	Graduação	Idade	Sexo	Estágio ou trabalha na área no momento da pesquisa
P1	Administração	21	Masculino	Não
P2	Ciências Biológicas	21	Feminino	Sim
P3	Ciências Biológicas	21	Feminino	Sim
P4	Ciências Biológicas	21	Masculino	Não
P5	Direito	22	Feminino	Sim
P6	Educação Física	20	Masculino	Sim
P7	Educação Física	23	Feminino	Sim
P8	Engenharia Civil	22	Feminino	Sim
P9	Engenharia Civil	23	Masculino	Sim
P10	Engenharia Civil	34	Feminino	Sim
P11	Engenharia Civil	22	Feminino	Não
P12	Psicologia	25	Masculino	Não

Fonte: Autora (2019)

Os resultados obtidos através da pesquisa foram organizados a fim de apresentar os fatores indicados pelos acadêmicos em relação às percepções sobre planejamento de carreira e às expectativas sobre inserção no mercado de trabalho, sendo possível identificar quatro categorias. Posteriormente, foram organizadas subcategorias, as quais são exemplificadas com excertos das falas dos participantes. A Tabela II apresenta as categorias e suas respectivas subcategorias que serão discutidas.

Tabela II - Categorias e subcategorias

Categoria	Subcategoria
Escolha do Curso	Reconhecimento social
	Preocupação com o futuro profissional
	Identificação com o curso
	Escolha por falta de opção
Planejamento de Carreira	Ações sem planejamento estruturado
	Sem ações de planejamento
Práticas Profissionalizantes	Estágio e emprego efetivo na área de formação
	Atividades extracurriculares
Expectativas sobre o mercado de trabalho	Desesperança e insegurança
	Inserção no mercado de trabalho
	Busca por capacitação

Fonte: Autora (2019).

Escolha do curso

Nessa categoria, são apresentados aspectos que segundo os participantes contribuíram para a escolha do curso de graduação, sendo que se observou uma amplitude de fatores indicados. Soares (2002) afirma que a escolha de uma graduação acontece a partir de um conhecimento vasto sobre as áreas. As mudanças do ciclo de vida, as quais muitas vezes coincidem com o momento de escolha, também corroboram para que as dúvidas e questionamentos estejam mais presentes, assim alavancando um maior número de fatores a serem observados antes da definição do curso (SOARES, 2002).

Reconhecimento social

Para os entrevistados, optar por um curso que lhes proporcione uma profissão com maior reconhecimento social, também foi um fator a ser levado em conta no momento da escolha. Super, Savickas, Super (1996) inferem que a concepção de reconhecimento se relaciona com as experiências familiares sobre o tema.

> *E tinha parentes que eram psicólogas, já tinham uma posição social e econômica boas. (P12)*

Moya (2006) destaca que a identidade profissional do sujeito influencia na motivação para a preferência de determinado curso. Segundo o autor, a escolha por uma formação que denote um maior reconhecimento social, tem para os sujeitos o significado de fácil inserção no mercado de trabalho. Além disso, também estão presentes os desejos de reconhecimento através da expressão de uma ideologia de vida, ou seja, de sentir-se reconhecido através das ações que contribuem para sociedade como um todo (MOYA, 2006).

> *E lembrei de Biologia e daí eu ajudo o meio ambiente, e aí optei por Biologia. (P3)*
> *Sempre tive vontade de fazer alguma coisa que trouxesse benefícios para a sociedade, meu norte sempre foi fazer alguma coisa que não ficasse no esquecimento. (P9)*

Preocupação com o futuro profissional

Questões relacionadas ao futuro profissional, tais como amplitude do mercado de trabalho e remuneração, norteiam as decisões dos acadêmicos. Percebeu-se na fala dos participantes que a perspectiva de ingressar em uma graduação que aparenta a possibilidade de maiores oportunidades de trabalho posteriormente, possibilita maior segurança e sentimento de assertividade, uma vez que, quanto maior a abrangência da área e atuação, maior será a garantia de um futuro profissional estável.

> *Administração abre um leque para gestão, marketing, financeiro, então é um campo né, que abre bastante. (P1)*
> *Tem vários ramos, talvez eu me dê bem. Por saber que tem várias opções depois. (P5)*
> *Pensei em Educação Física, mas talvez é uma área que não tinha muito emprego. (P12)*

Identificação com o curso

Para os participantes, realizar um curso que estivesse de acordo com seus gostos e identificações, também foi um fator determinante. Shein (1996) corrobora que pessoas que priorizam áreas de especialidade dentro de seus conhecimentos, aliando à satisfação de desempenhá-las, encontram-se em um estágio de valorização da Competência Técnica/funcional, objetivando assim sua realização pessoal. Cavalheiro *et al*. (2018) afirma que o "gostar da área e atuação", tem grande importância no momento da decisão pelo curso ou profissão, o que também pode ser percebido na fala dos participantes.

> *Decidi fazer algo que eu gostasse. (P7)*
> *Eu achava que era uma coisa que eu tinha dom e gostava de fazer, tinha vontade de fazer. (P9)*
> *Foi pela prática de esportes mesmo e por gostar de trabalhar com gente. (P6)*

Escolha por falta de opção

A falta de opção também pode influenciar as escolhas dos participantes, seja por estarem ingressando na graduação muito jovens, ou pela falta de informações sobre os cursos. Os acadêmicos referiram escolher o curso sem estarem apropriados sobre todas as áreas de estudo deste. Sendo assim, constata-se que optar por uma área que muitas vezes não é sua real preferência, ou não está de acordo com seu perfil profissional, pode gerar sofrimento ao indivíduo no decorrer do curso (RIBEIRO *et al*., 2018). Desta forma, a insatisfação com o curso pode estar pautada na escolha precipitada, sem direcionamento e conhecimento apropriado.

> *Até pela questão do não ter conhecimento do que é uma licenciatura, o que é um bacharel. (P7))*
> *Porque a gente não tem ideia, não sai do Ensino Médio preparado. (P12)*
> *Eu não tinha muita opção do que queria fazer e pensei: vou tentar Direito. (P5)*

Planejamento de Carreira

O termo "carreira" pode ser definido de inúmeras formas (SCHUSTER e DIAS, 2012; FURBINO, 2008). Ribeiro (2009) aponta que se trata da sequência de empregos desempenhados ao longo da trajetória profissional. À vista disto, pode-se entender carreira como todo o percurso (presente, passado e futuro) de um indivíduo, o qual se incumbe do seu próprio desenvolvimento.

Nessa categoria, discutem-se as percepções sobre o Planejamento de Carreira apresentadas pelos acadêmicos. Pode-se observar que, mesmo os participantes apresentando ações de planejamento, essas não são embasadas em conhecimentos científicos, demonstrando assim, a falta de compreensão sobre o tema. Os resultados inferem que durante a graduação, poucos foram os momentos oportunizados para discussões sobre o tema, o que pode justificar a ausência de planejamento dos acadêmicos.

> *Não, nunca foi falado [...] creio que seja o planejamento próprio que envolva questões futuras [...] creio que seja algo relacionado a isso. (P7)*

Outro ponto a ser destacado, é o fato dos acadêmicos possuírem conhecimento sobre possibilidades de auxílio ofertadas pela instituição de ensino (acompanhamento e inserção no mercado de trabalho através de programas de estágio, auxílio psicológico, orientação vocacional, etc), porém, não as utilizam.

> *Foi falado que tinha aqui na (instituição), que tinha Psicólogas que orientavam, mas eu nunca cheguei a buscar. (P3)*

Ações sem planejamento estruturado

O planejamento de carreira pode ser descrito como o desenvolvimento profissional de um sujeito que tem objetivos e busca alcançá-los através de seu aprimoramento profissional, sendo que esse nunca cessará, uma vez que as mudanças pessoais e as do mundo do trabalho exigem constante adaptação (OLIVEIRA, 2013; FERNANDES, 2012). Todavia, observa-se que os participantes apresentam ações sem planejamento estruturado, as quais estão voltadas, por exemplo, ao acúmulo de experiência e ao estudo continuado após a conclusão da graduação. Pode-se constatar que os participantes apresentam um objetivo, porém ainda não possuem ações definidas em relação a como atingi-lo.

> *O meu planejamento da minha carreira é mais focar em estudo. Estudar e passar em concurso [...] o meu objetivo é concurso. (P5)*
> *Tem que pegar experiência em tal área pra atuar naquilo que você quer [...] pegar as oportunidades que me direcionem para aquilo que eu quero, que é juntar o máximo de experiências possível, pra construir uma carreira sólida. (P9)*

Tal resultado pode ser discutido à luz de Chiavenato (2006). O autor explicita que planejar a carreira profissional significa elencar objetivos profissionais e elaborar quais serão os métodos e formas que o sujeito

utilizará para alcançar o pretendido. Logo, é notório que existe um déficit no planejamento dos acadêmicos participantes da pesquisa.

Sem ações de planejamento

A falta de conhecimento sobre planejamento de carreira evidenciou-se nas falas dos participantes. Mesmo estando no último semestre da graduação, o fato de pensar ou desenvolver um planejamento é deixado para segundo plano. Compreende-se assim, que os acadêmicos não têm definições claras de quais objetivos querem atingir, assim como o conhecimento sobre o tema é reduzido.

> *Não fui muito atrás disso de planejamento de carreira. (P2)*
> *Nunca botei no papel, nunca pensei assim. Eu mais mentalizo. (P5)*
> *Então eu acho que ainda não consegui planejar, formular bem certo como vai ser a partir de agora. (P5)*

Práticas profissionalizantes

Nesta categoria, os entrevistados destacam principalmente a importância das práticas profissionalizantes aliadas ao período da graduação. Compreendem que estas atividades quando realizadas conjuntamente, reforçam as aprendizagens, relatando que a vinculação da prática e da teoria, contribuem para a construção de suas carreiras.

> *Teoria é muito diferente da prática. (P7)*
> *A gente vê muito o teórico, então que nem na nossa área ali, ou tu vai a campo e põe a mão na massa, ou sai sem saber fazer nada. (P11)*
> *É a prática. Só a graduação não é o suficiente. (P8)*

Considerando os aspectos relacionados à insegurança e às dúvidas em relação ao mercado de trabalho, Brasil *et al*. (2012) ressaltam que além das aprendizagens teóricas desenvolvidas na caminhada acadêmica, é importante que sejam validadas durante a prática de estágios e/ou trabalhos efetivos na área, aprimorando assim a performance profissional. A importância se dá, pois nele os acadêmicos diminuem sua insegurança em relação às atividades profissionais, já que proporcionam experiências que viabilizam a inserção no mercado de forma mais assertiva, munida de saberes, e de uma identidade profissional já iniciada (BRASIL *et al.*, 2012).

Estágio e emprego efetivo na área de formação

As práticas profissionalizantes, tidas como estágios ou empregos efetivos, aliados à formação acadêmica, constituem um relacionamento de troca de saberes entre supervisores ou profissionais atuantes no

mercado para com os estudantes (NASCIUTTI; SILVA, 2014). Nesse sentido, as práticas de estágio, principalmente, deixam de ser somente um espaço de validação de conhecimentos teóricos, passando a agregar vivências e saberes que só podem ser experienciados no cotidiano de trabalho (MARASCHIN; TITTONI, 2002).

> *No primeiro semestre já comecei estágio. (P7)*
> *Comecei como estagiário [...] e depois eu fui pra outro estágio. (P1)*
> *Comecei numa empresa como estágio. (P8)*

Atividades extracurriculares

As atividades extracurriculares, as quais comtemplam ocupações que não constituem vínculo com os estágios obrigatórios, por exemplo, foram destacadas como fator de relevância. A busca espontânea por elas caracteriza o processo de preocupação com o exercício profissional, destacando mais uma vez a importância de aliar teoria e prática.

> *Acho que o principal mesmo foi ter procurado atividades extra aula. (P7)*
> *Se eu não tivesse nenhuma experiência profissional eu não me sentiria preparada [...] ter um contato profissional é muito importante. (P8)*

Expectativas sobre o mercado de trabalho

Refletir acerca do mercado de trabalho demanda a observação de dois aspectos importantes. O primeiro deles caracteriza-se pelo acelerado processo de redução das atividades industriais, já o segundo diz respeito à ágil expansão das tecnologias, que abrangem os setores primários, ou seja, inovações aplicadas à exploração dos recursos naturais, bem como, aos relacionados aos serviços, como transporte, saúde e alimentação (POCHMANN, 2018). Sendo assim, nessa categoria destacam-se as expectativas dos estudantes em relação à inserção no mercado de trabalho.

Desesperança e insegurança

Nos últimos semestres da graduação, os sentimentos de responsabilidade, assim como a sensação de "pouco saber", aumentam significativamente (MELO, SILVA; REIS, 1997). Nesse período, os acadêmicos passam a questionarem-se sobre como serão na atuação profissional, lidando com o receio de sair da faculdade, apresentando intensos sentimentos de solidão e isolamento (TEIXEIRA; GOMES, 2004; UVALDO, 1995), o que pode ser observado de acordo com as repostas dos participantes.

> *Posso ser só mais um desempregado. (P4)*
> *Está bem complicado as coisas [...] tá todo mundo assim meio desesperado [...] então isso me assusta muito [...] começou a dar um desespero. (P3)*
> *Uma incerteza. Uma incerteza muito grande. (P8)*

Inserção no mercado de trabalho

Em algumas situações, as disparidades entre o mercado de trabalho real e o exposto durante a graduação podem ser minimizados a partir das práticas profissionalizantes. A repercussão da ausência desses se dá na dificuldade que formandos têm em ingressarem no mercado de trabalho, bem como, a partir das frustações tidas nos primeiros anos da carreira (CANEVER, 2014).

> *Talvez tenha mais dificuldade das pessoas ingressarem, tanto as vezes por exigência das empresas ou por falta de capacitação. (P1)*
> *Depois da faculdade, ás vezes é difícil conseguir porque tu não tem muitas experiências. (P6)*
> *Vejo que tem muita gente formada sem emprego. (P10)*

Bardagi *et al.* (2006) afirmam que tanto os acadêmicos satisfeitos com a escolha de curso, como os não satisfeitos, percebem a inserção em atividades profissionais cada vez mais voltadas para a necessidade de experiência e maior exigência de qualificações. Em consonância, Magalhães e Teixeira (2013) sugerem que acadêmicos com uma percepção negativa em relação ao mercado de trabalho têm atitudes que denotam maior preocupação e vigor na busca por empregabilidade. Constatou-se que, para os participantes, a inserção é tida como mais fácil quando apresentam algum "diferencial" perante os demais concorrentes.

> *Oportunidade tem, mas tem que ser diferenciado, um destaque. (P6)*
> *Está muito saturado [...] Quem consegue uma vaga normalmente é quem se destaca, é quem tem um diferencial. (P10)*

Busca por capacitação

No decorrer da formação acadêmica, o processo de profissionalização dá-se a partir as elaboração de estratégias de enfrentamento perante as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, ou seja, as vivências tanto profissionais como a busca por capacitação e especialização, corroboram para que os estudantes gradativamente se habilitem para a aplicação de suas aprendizagens (DIAS e SOARES, 2009). Assim, para os participantes a busca por educação continuada/capacitação ou especialização, faz-se necessária para que se mantenham atualizados e com características que os diferenciem dos demais no mercado de trabalho.

> *O bom é sempre se especializar seja a área que a gente quiser [...] tempo de trabalho e uma especialização ajudam bastante. (P12)*
> *Pretendo sair do pais também, assim, fazer um mestrado, doutorado fora e também trabalhar, morar fora. (P9)*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os resultados apurados, observou-se que esta pesquisa atendeu aos objetivos propostos, uma vez que, foi possível obter as percepções dos acadêmicos participantes sobre a escolha de seu curso, as práticas profissionalizantes tidas durante a graduação, as ações presentes (ou ausentes) de planejamento de

carreira e as expectativas em relação ao mercado de trabalho. Logo, verifica-se que o momento da escolha do curso se relaciona com uma série de fatores, que abrangem desde questões de autoconhecimento a influências familiares, sociais, etc. De mesmo modo, as práticas profissionalizantes são consideradas positivas, pois permitem a aplicabilidade do conhecimento adquirido em sala de aula.

Ainda salienta que o desejo de buscar capacitação ou especialização profissional/ educação continuada, é tido como de suma importância para os acadêmicos, os quais afirmam que tal comportamento garante uma posição de destaque perante os demais no momento da inserção no mercado de trabalho. Com isso, também é possível perceber que as expectativas em relação à inserção profissional têm conotação negativa, uma vez que os principais sentimentos norteadores são incertezas e inseguranças.

Ponto de destaque, o planejamento de carreira, caracterizou-se pela falta de conhecimento dos acadêmicos, que não apresentam objetivos claros sobre quais metas pretendem atingir, e por consequência acabam por não planejar sua carreira. Destarte, conclui-se apesar do tema planejamento de carreira estar amplamente discutido, ainda faltam informações básicas para que os acadêmicos o desenvolvam de forma eficaz. Assim, sugere-se elaboração e aprofundamento de novas pesquisas neste campo, uma vez que se configura como uma realidade direcionada a um público seleto e reduzido, mas que possibilitou uma abordagem aprofundada em conteúdo.

REFERÊNCIAS

BALDIN, N. MUNHOZ, E. M. B. **Snowball (bola de neve)**: Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. Paraná: FAP, Univille, 2011.

BARDAGI, M.; LASSANCE, M. C.; PARADISO, Â. C.; ALMEIDA, M. I. **Escolha Profissional e Inserção no Mercado de Trabalho**: Percepções de Estudantes Formandos Psicologia Escolar e Educacional, vol. 10, núm. 1, 2006, pp. 69-82. Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional Paraná, Brasil.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL, V.; FELIPE, C.; NORA, M. M.; FAVRETTO, R. **Orientação profissional e planejamento de carreira para universitários**. Palhoça, 2012.

CANEVER BP, *et al*. Processo de formação e inserção no mercado de trabalho: uma visão dos egressos de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem.** 2014.

CAVALHEIRO, M. G. *et al*. O Que os Estudantes Consideram na Escolha do Curso de Graduação? **Rev. Grad. USP**, v. 3, n. 2, jul 2018.

CHIAVENATO, I. **Princípios da administração:** o essencial em teoria geral da administração. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2006.

COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento** / Paul C. Cozby; tradução Paula Inez Cunha Gomide, Emma Otta; revisão técnica José de Oliveira Siqueira. São Paulo: Atlas, 2003.

DIAS, M.S.L.; SOARES D.H.P. **Planejamento de carreira**: uma orientação para estudantes universitários. São Paulo: Vetor, 2009.

DIAS, M.S.L.; SOARES, D.H. P. A **escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários**. Psicologia: Ciência e Profissão. Brasília, 2012.

FERNANDES, R. F. L. **Plano de carreira**. Disponível em: http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2012/8/494_822_publipg.pd f. Acesso em: 09 maio 2018.

FURBINO, M. **Plano de carreira: sua empresa tem que fazer um!** Administradores – O Portal Administração. Cidade, 15 jan. 2008. Disponível em: http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/plano-de-carreira-suaempresa-tem- que-fazer-um/20877/. Acesso em: 09 maio 2018.

MAGALHÃES, M. O; TEIXEIRA, M. A. P. **Antecedentes de comportamentos de busca de emprego na transição da universidade para o mercado de trabalho.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2013.

MELO, SILVA, L. L.; DIAS, T. R. S. **Serviços de orientação, capacitação e colocação profissional** (pp. 67-75). In Anais, 3. Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional/ Ocupacional, 1997, Canoas, RS.

MOYA, J.L.M. **La profesión docente***:* y la construcción del conocimiento profesional. Buenos Aires: Lumen, 2006.

MARASCHIN, C.; TITTONI, J. **Cotidiano e configuração de espaços de aprendizagem**. Educar, (19), 147-157. 2002.

NASCIUTTI, F. M. B.; SILVA, S. M. C. **O processo de ensinar-aprender uma perspectiva crítica em psicologia escolar e educacional.** Psicologia em Estudo, 2014.

OLIVEIRA, D. P. R. **Plano de carreira**: foco no indivíduo: como elaborar e aplicar para ser um profissional de sucesso. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

POCHMANN, M. Desempenho econômico conjuntural e a situação recente do trabalho no Brasil. **Revista NECAT**, Ano 7, nº 13 Jan-Jun de 2018.

RIBEIRO, M. L. Por quais motivações estudantes escolhem a carreira profissional? **Rev. educ. PUC-Camp**., Campinas, v. 23, n.2, p.155-173, maio/ago. 2018.

SCHEIN, E. H. **Identidade profissional**: como ajustar suas inclinações a suas opções de trabalho. Tradução de Margarida D. Black. São Paulo: Nobel, 1996.

SCHUSTER, M.; DIAS, V. **Plano de carreira nos sistemas de gestão público e privado: uma discussão a luz das teorias motivacionais**. Revista de Administração Imed. Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 1–17, 2012.

SOARES, D. H. P. (2002). **A escolha profissional do jovem ao adulto**. São Paulo, 2002.

SUPER, D.E.; SAVICKAS, M.L.; SUPER, C.M. **The lifespan, life-space approach to careers**. *In*: Brown, D.; Brooks, L. (Org.). *Career choice and development*. San Francisco: Jossey-Bass, 1996. p.121-178.

TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Estou me Formando... E Agora? Reflexões e Perspectivas de Jovens Formandos Universitários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.5, n. 1, p. 47-62, 2004

UVALDO, M. C. C. **Relação homem-trabalho**: campo de estudo e atuação da orientação profissional. *In:* A. M. B. *et al*.(Orgs.). A escolha profissional em questão (pp. 215-237). São Paulo, SP, 1995. Casa do Psicólogo.

ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, BITTENCOURT, A. V. **Psicologia, organizações e Trabalho**: Inserção Profissional do Psicólogo em Organizações e no Trabalho: Artmed, 2004.

SÍNDROME DE BURNOUT E FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS E LABORAIS ASSOCIADOS: UM ESTUDO COM GESTORES DE EMPRESAS PRIVADAS

BURNOUT SYNDROME AND ASSOCIATED SOCIO-DEMOGRAPHIC AND OCCUPATIONAL FACTORS: A STUDY WITH MANAGERS OF PRIVATE COMPANIES

Sandy Saurin Gaieski[1]; Leticia Ribeiro Souto Pinheiro[2]

[1] Psicóloga pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim. *E-mail*: sandysaurin@hotmail.com
[2] Doutora em Psicologia, Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim. *E-mail*: leticiaribeiro@uricer.edu.br

RESUMO: A Síndrome de *Burnout* vem sendo considerada uma questão de saúde pública, apresentando implicações para a saúde física e mental do trabalhador, comprometendo sua qualidade de vida. Assim, este estudo teve como objetivo analisar a associação das dimensões da Síndrome de *Burnout* a fatores sociodemográficos e laborais em uma amostra de 104 gestores brasileiros. Como instrumentos de pesquisa, foram utilizados um questionário sociodemográfico e laboral e a Escala *Maslach Burnout Inventory*. A análise dos dados foi realizada por meio de estatística descritiva, bem como pela análise de correlação entre as variáveis e os escores dos testes. Os resultados evidenciaram correlação significativa entre determinadas variáveis sociodemográficas e laborais. Portanto, é importante que sejam desenvolvidos conhecimentos acerca de *Burnout*, de modo que maiores informações possam ser transmitidas aos profissionais, na tentativa de uma melhoria na qualidade de vida no ambiente de trabalho.

Palavras-chave: *Burnout*. Gestores. Trabalho. Sofrimento psíquico

ABSTRACT: Burnout Syndrome has been considered a public health issue, presenting implications for the physical and mental health of the worker, compromising their quality of life. Thus, this study aimed to analyze the association of Burnout Syndrome dimensions with sociodemographic and labor factors in a sample of 104 Brazilian managers. As research instruments, a sociodemographic and labor questionnaire was used and the Maslach Burnout Inventory Scale. The data analysis was performed through descriptive statistics, as well as the correlation analysis between the variables and the test scores. The results showed a correlation with certain sociodemographic and labor variables. Therefore, it is important that knowledge about Burnout is developed, so that more information can be transmitted to professionals, in an attempt to improve the quality of life in the work environment.

Keywords: Burnout. Managers. Job. psychic suffering

INTRODUÇÃO

O ambiente de trabalho faz parte da vida dos indivíduos e representa um componente essencial no sentimento de bem-estar, a ponto de que os indivíduos se veem como um elemento produtivo da sociedade (TRALDI; FIUZA, 2012). As transformações do mundo globalizado têm mudado notavelmente o cenário de trabalho, onde a competitividade e a produtividade ganham progressivamente mais força para suprir as necessidades dos consumidores e da economia. Nesse cenário, os indivíduos são pressionados por

produtividade e qualificação. Tais mudanças, cobranças e a desvalorização que os trabalhadores têm sofrido podem gerar desgaste e estresse, impactando seriamente sua saúde (LIMA, FARAH; TEIXEIRA, 2018).

A função gerencial está inclusa nessas transformações, segundo Pereira (2005), mesmo sendo considerado um privilégio estar nessa função, o gestor vive em um cotidiano sobrecarregado, especialmente pelas exigências de resultados. As empresas buscam no perfil gerencial, um profissional com perfil proativo o qual saiba lidar com contingências, fazer cada vez mais com cada vez menos recursos, buscar a qualidade e manter a credibilidade da empresa. Sendo assim, o gestor é o elo entre os diversos níveis organizacionais, estando, por essa razão, permanentemente submetido à intensa carga de pressão, o que poderá se constituir em fator precipitador de quadros de estresse no trabalho (RESENDE, 2017).

Segundo Pêgo (2015, p. 175) "A Síndrome de *Burnout* (SB) tem sido considerada uma importante questão de saúde pública". Para Batista (2010), é um dos agravos ocupacionais de caráter psicossocial mais importante na sociedade atual, processo de danificação da qualidade de vida do trabalhador, levando em consideração suas graves implicações para a saúde física e mental. Sendo definida por Maslach e Jackson (1981) como uma resposta ao estresse laboral crônico, característica dos profissionais que trabalham com pessoas. *Burnout*, em português refere-se à perda de energia (CODO, 2002), através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não lhe importam mais e qualquer esforço lhe parece inútil (ALMEIDA *et al*., 2011). Nesse sentindo, acomete profissionais que mantêm uma relação constante e direta com outras pessoas estão suscetíveis ao risco de psicossocial devido à carga elevada de estresse.

No Brasil, a SB foi citada inicialmente por França (1987), em um estudo voltado à área da saúde. Somente em 1990, começaram a surgir estudos e publicações sobre estresse ocupacional de profissionais de área da saúde e na área educacional (BENEVIDES-PEREIRA, 2003; CODO, 1999; TAMAYO, 1997;). Com a ascendência de estudos, em 1996, a SB foi regulamentada como doença e incluída no Anexo II da Regulamentação da Previdência Social, referente aos agentes patogênicos causadores de doenças profissionais (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007). Embora os primeiros estudos tenham focalizado principalmente os impactos nos profissionais da área da saúde e da educação, isso não significa que a SB seja restrita a essas áreas, podendo ocorrer em diversas profissões (SOUSA; MENDONÇA, 2009), em distintos contextos de trabalho, com destaque àqueles nos quais ocorre maior contato interpessoal regular, significativo e de situações estressantes recorrentes (LEWIN; SAGER, 2007).

Almeida, Silva e Carvalho (2006) observam que os indivíduos vêm recebendo de forma ascendente em seus empregos maiores pressões, incertezas, exigências por produtividade, flexibilidade, mudanças e reestruturações organizacionais. Isoladamente ou somadas a outros fatores, essas situações potencializam desequilíbrios entre o indivíduo e seu ambiente de trabalho e, consequentemente, contribuem para o aumento do sofrimento mental e dos distúrbios psicológicos (JACQUES; AMAZARRAY, 2006).

Pelo exposto, o presente estudo teve como objetivo analisar a associação das dimensões da SB com fatores sociodemográficos e laborais em gestores.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, com corte transversal. Participaram da pesquisa 104 gestores, predominantemente da região sul do país (88,5%), maiores de idade e que atuavam há pelo menos um ano no cargo de gestão. Para o levantamento das variáveis sociodemográfico (sexo, idade, estado civil, filhos, estado e escolaridade) e laborais (remuneração, número de subordinados, tempo de atuação profissional, tempo como gestor, carga horária semanal, quantidade de horas extras semanais, atividades de trabalho em casa, quantidade de horas de uso de tecnologias, diagnostico da SB) foi aplicado um questionário construído pela pesquisadora.

Para avaliar a SB, foi utilizado o *Maslach Burnout Inventory* – MBI, desenvolvido por (MASLACH e JACKSON, 1981), com adaptação para o uso no Brasil realizada por (TAMYO, 1997), traduzido para o português e validado em 1995. O inventário visa avaliar a incidência da SB, através de três dimensões: Exaustão Emocional, Despersonalização e Realização Profissional Nesse estudo, a presença de cada uma dessas dimensões foi avaliada através da frequência das respostas, considerando uma escala de pontuação que varia de 0 a 5: numa escala tipo *Likert*. Sendo ele um dos instrumentos mais conhecidos para utilização em pesquisas com profissionais que trabalham diretamente com pessoas (MASLACH, SCHAUFELI, LEITER, 2001). Quanto à normatização, de acordo com Maslach e Jackson (1986), há três níveis de *Burnout* para cada uma de suas três dimensões: baixo (abaixo do percentil 25); médio (entre 25 e 75) e alto (maior que 75). Sendo assim, exaustão emocional: baixo (9 a 18); médio (19 a 32) e alto (33 a 45); despersonalização: baixo (5 a 7); médio (8 a 13) e alto (14 a 25); baixa realização profissional: baixo (8 a 23), médio (24 a 30) e alto (31 a 40).

A coleta foi realizada após aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional Integrada do Alto do Uruguai e das Missões – URI – Campus Erechim, com o Parecer número 3.145.145, sendo que todos os participantes do estudo concordaram com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram coletados por meio de pesquisa *online* mediante convite via correio eletrônico.

Para fins de recrutamento dos participantes, foi utilizada a técnica do *Respondent Driven Sampling*, que combina a amostragem em bola de neve (GOODMAN, 1961) e a utilização de redes de contatos, uma vez que os entrevistados conhecem uns aos outros como membros da população-alvo, sendo essa técnica indicada quando o tamanho e limites da população são desconhecidos (HECKATHORN, 1997). Num primeiro momento, foram identificadas as primeiras sementes da amostra; ou seja, os indivíduos que pertencem à população-alvo do estudo. Assim, os primeiros participantes (primeira onda) foram convidados, via correio eletrônico, meio de

rede social (LinkedIn e Facebook) e gestores da relação de contatos das pesquisadoras e membros do grupo de pesquisa. A segunda onda ocorreu por meio da solicitação para que esses enviassem o convite para a sua rede de contatos, que também encaminhassem a outros.

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva das características da população e das variáveis estudadas através de distribuição de frequências, números absolutos e percentuais, média, mínimo e máximo. Por fim, realizou-se análise de correlação entre as variáveis sociodemográficas e os escores dos testes. Para as variáveis contínuas (idade e número de subordinados), foi utilizado o teste de correlação de Pearson. Já para as variáveis categóricas, o teste de correlação de *Spearman*. Valores $p < 0,05$ foram considerados significativos para os propósitos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos participantes era do sexo feminino (72,1%), com união estável (73,1%) e com filhos (62,5%). A idade variou entre 24 e 60 anos, com atuação profissional como gestor de 2 a 10 anos. A maioria possuía escolaridade em nível de especialização ou mestrado (53,8%) e formação na área de ciências sociais aplicadas (49%), com tempo de profissão entre 11 a 15 anos (27,9%). Quanto ao número de horas semanais de trabalho, variou entre 30 a 60 horas (M= 45,33), com desvio padrão de 9,21 horas. Na ocasião, os entrevistados variaram de 4 a 12 horas semanais de hora extra (M= 8). Além disso, muitos participantes também exercem atividades do trabalho em casa (61,5%). O número de subordinados por gestores varia de 1 a 5.000 trabalhadores (M = 101). Quanto à remuneração, o grupo de maior representatividade (51%) possui remuneração mensal maior de R$6.000,00. Em relação à SB, apenas 1,9% dos participantes referiram ter recebido esse diagnóstico, enquanto que 67,3% não têm o diagnóstico e 30,8% deles não sabem do que se trata a SB.

Por sua vez, analisando-se os resultados do MBI, expostos na tabela abaixo (Tabela I), apresentaram um escore médio para o fator Exaustão Emocional de 24,11, interpretado como médio (baixo de 9 a 18; médio de 19 a 32; e alto de 33 a 45). Para o fator Despersonalização, o escore médio encontrado foi de 11,21 e interpretado como sendo médio (baixo de 5 a 7; médio de 8 a 13; e alto de 14 a 25). Por fim, o fator Realização Profissional apresentou um escore médio de 30,27 médio (baixo de 8 a 23; médio de 24 a 30; e alto de 31 a 40). Sendo possível considerar que uma pessoa em nível médio de B*urnout* já apresenta algum tipo de sofrimento considerável, por esse motivo o cruzamento entre dados e a análise foi feita baseada nisso.

Tabela I - Descrição dos escores das respostas dos gestores

Variável	Mínima	Máxima	Média	Desvio padrão	Mediana
Exaustão Emocional	12	43	24,11	6,71	24,5
Despersonalização	5	21	11,21	3,57	11
Realização Profissional	17	40	30,27	4,60	30
Geral	50	89	65,59	6,82	66

Fonte: Dados de Pesquisa.

Os resultados evidenciaram que os gestores estão com o nível elevado de exaustão emocional (p<0,01; r=0,82), caracterizado por cansaço extremo, dificuldade para enfrentar o trabalho e queixando-se frequentemente de estar sobrecarregado e assoberbado (MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001). O mesmo também ocorre com o escore de despersonalização (p<0,01 r=0,755), consistindo em uma tentativa de colocar distância entre si e as pessoas com quem se relaciona no trabalho, como os clientes e os colegas. Nessa situação, o distanciamento é uma reação imediata à exaustão, havendo uma forte relação com esse fator (MASLACH *et al*., 2001). No entanto, a correlação com o escore da realização profissional mesmo que significativo p<0,01), foi fraco e inverso (r=-0,301), sugerindo que esses profissionais não se sentem realizados profissionalmente.

O modelo teórico de Maslach (2001), utilizado no estudo, descreve a Síndrome de *Burnout* como um processo em que a exaustão emocional é a dimensão precursora da síndrome, seguida por despersonalização e, na sequência, pelo sentimento de baixa realização profissional. A análise dos resultados indica a presença de *Burnout* e, portanto, a possibilidade do processo se encontrar em curso nos participantes analisados.

A pressão do trabalho cotidiano tem afetado ainda mais os profissionais, pois acabam cobrados não só no trabalho, como também, na vida de uma maneira geral, em todas as suas relações sociais. No que diz respeito à análise da relação entre as dimensões de *Burnout* e às variáveis sociodemográficas e laborais, verifica-se que a dimensão Despersonalização apresentou associação com as horas gastas com comunicação (ρ= 0,292) e com profissionais que são casados ou tem companheiros fixos (ρ= -0,203), apresentando valores altos em uma das variáveis e correspondendo a valores baixos da outra. O distanciamento, a desmotivação e o endurecimento afetivo são sentimentos da despersonalização, associados a pessoas casadas ou com companheiros fixos, com a quantidade elevada de horas gastas com comunicação virtual. Esses resultados podem ser entendidos uma vez que os indivíduos casados possuem menos despersonalização que os solteiros, pois sua atenção já não é mais voltada somente para o trabalho, mas também para o companheiro. Dormam (2003) coloca a despersonalização como uma dimensão consequente do desinteresse profissional e diretamente relacionada à exaustão emocional.

De acordo com Michael (1998), com a inserção da tecnologia no ambiente de trabalho, tem exigido um nível de capacidade de adaptação e flexibilidade dos trabalhadores, podendo acontecer uma carência nessa fase, tornando as pessoas mais propensas ao estresse tecnológico, denominado tecnoestresse.

A dimensão exaustão emocional apresentou correlação significativa com ter filhos (ρ= 0,194); sendo assim quem tem filhos tem o maior índice de exaustão emocional. A emancipação feminina significou uma soma de responsabilidades, conjugando o ser mãe e o ser profissional (GRANT, 2002; JERUSALINSKY, 2009). Em virtude disso, percebe-se que a "dupla" jornada de trabalho – ou ainda, as incompatibilidades de horários entre o trabalho e a família – contribuem para o sentimento de exaustão, sendo que a cultura considera para que além do trabalho ainda precise acompanhar e estar presente na vida dos filhos, não sobrando então tempo para si mesmo, não se reconhecendo enquanto pessoa, mas sim como mãe e profissional. Beltrane e Donelli (2012) discutem que a sobrecarga em trabalhadores com dupla jornada de trabalho é frequentemente fruto de ativas demandas no ambiente de trabalho e também no lar.

Além disso, a exaustão emocional apresentou correlação com a variável de tempo de profissão (ρ= -0,214), significando que quanto menor o tempo de profissão maior a exaustão emocional. A pesquisa vem ao encontro com a literatura, pois os jovens precisam aprender a lidar com as demandas do trabalho, sendo que apresentam forte comprometimento no início da carreira (CHERNISS, 1980; MASLACH, 1982). No entanto, na fase de transição entre a expectativa e a realidade se deparam com desilusões, sentindo-se despreparados em assumir responsabilidades da profissão, podendo ser mais vulneráveis devido a possíveis dificuldades de inserção no grupo de trabalho (TRINDADE; LAUTERT, 2010). Também, pode-se pensar que a diminuição do interesse pela profissão pode decorrer do desequilíbrio entre os investimentos realizados e as recompensas recebidas (CHOPRA, 2009). Lima, Farah e Teixeira (2018) também verificaram que quanto menor a experiência profissional maior é a propensão à SB, o que para os autores pode ser explicado pelo fato de profissionais mais experientes adquirirem confiança no seu trabalho e maior habilidade em lidar com fatores estressores.

No tocante à dimensão realização profissional, o estado civil (ρ= 0,255) mostrou-se relevante. Ou seja, os participantes casados apresentaram maior satisfação com a realização profissional do que os solteiros/separados/viúvos. Lima, Farah e Teixeira (2014) demonstraram que ter companheiro diminui o risco de desenvolver SB, possivelmente porque profissionais casados são mais maduros e estáveis. Com o convívio familiar, o indivíduo desenvolve as relações interpessoais, além de priorizar a segurança em detrimento da satisfação pessoal (LIMA, FARAH; TEIXEIRA, 2018).

Também se equiparou com o tempo como gestor (ρ= 0,253), dessa forma, quanto maior o tempo como gestor maior à realização profissional. A estabilidade no emprego é percebida como um aspecto positivo no trabalho em termos de segurança, mas também pode estar funcionando como uma acomodação no sentido de busca de novos desafios profissionais (BATISTA *et al*., 2010). Sendo a SB uma razão para a pessoa permanecer no trabalho, pois o trabalhador com altos níveis pode se sentir sobrecarregado e optar por não

efetuar uma mudança, uma vez que isso seria um estresse adicional com o qual teria de lidar sem se sentir em condições de fazê-lo. Quando ficam, trabalham muito abaixo de seu potencial laboral.

No entanto, quanto mais horas gastas de comunicação (ρ =-0,216), menor realização profissional. É possível que o excesso de trabalho e a sensação de que isso extrapola o seu lugar, interferindo na vida pessoal, além dos cuidados com a família (companheiro (a) e filhos), provoca essa sensação de insatisfação e desinteresse pelo trabalho que faz com que se perceba inferior e distante da realização profissional (SANTANA, 2006).

No exposto, gestoras com filhos (ρ= -0,226) demonstraram menos realização profissional do que gestoras sem filhos. Fiorin, Oliveira e Dias (2014) destacam o novo ideal de mulher, que propõe a capacidade de conciliar os desejos pessoais com as exigências sociais; ou seja, a mulher busca o sucesso profissional e financeiro, ao mesmo tempo em que desempenha os papéis de mãe e esposa dedicada. Por outro lado, a busca da mulher pelo sucesso profissional, independência financeira e satisfações provenientes da carreira profissional fazem-na muitas vezes repensar a situação de maternidade em função da sobrecarga que o acúmulo de funções pode gerar em suas vidas (FIORIN; OLIVEIRA; DIAS, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo globalizado cada vez mais se pode notar o sofrimento psíquico dos trabalhadores, muitas vezes desencadeando a SB em um processo que se desenvolve na interação de características do ambiente de trabalho e pessoais. Tem-se que tal assunto é relevante para o universo organizacional do trabalho e para a sociedade, pois é um dos agravos ocupacionais de caráter psicossociais mais importante na sociedade atual. *Burnout é* considerado um sério processo de deterioração da qualidade de vida do trabalhador, tendo em vista suas graves implicações para a saúde física e mental (BATISTA *et al*., 2010).

Nesses termos, os resultados mostraram a predominância de escores, sendo que nas três dimensões apresentaram resultados médios, principalmente na dimensão de exaustão emocional. Evidenciam assim que profissionais em nível de gestão, quando se encontram em situações de estresse contínuo, podem apresentar maiores sensações de esgotamento e sentem que os recursos emocionais e físicos estão esgotados, ou ainda que os problemas causadores de estresse ultrapassem suas capacidades.

Ademais, a SB pode ser evitada, desde que a cultura da organização favoreça a execução de medidas preventivas do estresse. Além disso, a busca da prevenção da doença também depende de uma decisão interna, do querer mudar, da busca da ressignificação do trabalho e do viver.

Percebem-se poucos estudos brasileiros realizados abordando as questões de *Burnout* em gestores – principalmente de empresas privadas. Como limitação da pesquisa, aponta-se o perfil de gestão, uma vez que os participantes foram gestores com alto nível de escolaridade, fato ocorrido provavelmente devido à forma de

coleta online que pode não ter atingido gestores com menores níveis de escolaridade. Além disso, deve-se à utilização de apenas medidas de autorrelato, o que pode ocasionar algum tipo de viés em razão da desejabilidade social. Por fim, os resultados expostos aqui revelam a necessidade de construção de pesquisas direcionadas à SB ou, ainda, ao sofrimento do trabalho em profissionais em nível de gestão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. O.; SILVA, A. M. M. Justiça organizacional, impactos no burnout e o comprometimento dos trabalhadores. **GESTÃO.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 4, n. 2, p. 160-175, 2006.

BATISTA, J. B. V. *et al*. Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. **Revista Brasileira Epidemiologia**, v.13, n.3, p. 502-512, 2010.

BELTRAME, G. R.; DONELLI, T. M. S. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, Canoas, n. 38-39, p. 206-217, 2012.

CHERNISS, A. C. **Staff burnout:** Job stress in the human services. Beverly Hills: Savage, 1980.

CHIUZI, R. M. *et al*. Síndrome de Burnout em professores: um estudo comparativo na região do Grande ABC paulista. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v.2, n.1, p. 276-291, 2011.

CHOPRA, P. Mental health and the workplace: issues for developing countries. **BioMed Central,** Australia, v.3, n.4, p.1-9, 2009.

CODO, W. **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.

CODO, W. **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 2002.

DORMAN, J. P. Relationship between school a classroom environment and teacher Burnout: a LISREL analysis. **Social Psychology of Education**, Holanda, v.6, n.2, p. 107-27, 2003.

ELIAS, M. A.;NAVARRO, V. L. A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de Enfermagem de um hospital escola. **Revista Latino-Am. Enfermagem**, Uberlândia, v. 14, n.4, p. 517-25, 2006.

FIORIN, P. C; OLIVEIRA, C. T. de; DIAS, A. C. G. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Revista brasileira orientação profissional**, São Paulo, v.15, n.1, 2014.

FRANÇA, H. H. A síndrome de "Burnout". **Revista Brasileira de Medicina**, São Paulo, v. 44, n.8, p.197- 199, 1987.

GOODMAN, L. Snowball sampling. **The Annals of Mathematical Statistics**. Chicago, v.32, n.1, p. 148-170, 1961.

GRANT, W. H. **A maternidade, o trabalho e a mulher.** *In*: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, São Paulo, 1999.

HECKATHORN, D. Respondent-driven sampling: A new approach to the study of hidden populations. **Social Problems**, Oxford, v.44, n.2, p.174-199, 1997.

JACQUES, M. G. C.; AMAZARRAY, M. R. Trabalho bancário e saúde mental no paradigma da excelência. **Boletim da Saúde**, Porto Alegre, v. 20, n.1, p. 93-105, 2006.

JERUSALINSKY, J. (2009). **A criação da criança:** letra e gozo nos primórdios do psiquismo. São Paulo, 272 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LEWIN, J. E.; SAGER, J. K. (2007). A process model of burnout among salespeople: some new thoughts. **Journal of Business Research**, Amsterdam, v. 60, n.12, p.1216-1224, 2007.

LIMA, A. de S.; FARAH, B. F.; TEIXEIRA, T. B. Análise da prevalência da síndrome de burnout em profissionais da atenção primária em saúde. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 283-304, 2018.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout.**Journal of Occupational Behaviour**, New Jersey, v.2, n.1, p. 99-113, 1981.

MASLACH, C.; JACKSON S.E ; LEITER, M. **Maslach Burnout Inventory**. 2. ed. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, 1986.

MASLACH, C.; SCHAUFELI, W. B.; LEITER, M. P. Job Burnout. **Annual Reveiew of Psychology,** v.52, n.1, p.397-422, 2001.

MICHAEL, A. **Stress**: sinais e causas. São Paulo: Roche, 1998.

PEREIRA, L. Z. **Novas perspectivas para a abordagem do estresse ocupacional em gerentes**: estudo em organizações brasileiras de setores diversos. Belo Horizonte, 2001, 256 f. Dissertação (Doutorado em Administração) - Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais.

PÊGO, F. P. L.; PÊGO D. R. Síndrome de Burnout. **Revista Brasileira Medicina do Trabalho**. Belo Horizonte, v. 14, n.2, p. 171-176, 2016.

PEREIRA, A. M. T. B. (2001) **A saúde mental de profissionais de saúde mental**: uma investigação da personalidade de psicólogos. Maringá: Eduem, 2001.

RESENDE, A. M. Estresse Ocupacional: Um Estudo com Gestores de uma Empresa Mineira de Logística de Transportes. **Revista Administração em Diálogo**, São Paulo, v.19, n.1, p. 112-137, 2017.

SANTANA, V. S. Saúde do trabalhador no Brasil: pesquisa na pós-graduação. **Revista Saúde Pública**, Salvador, v.40, p. 101-111, 2006.

SOUSA, I. F.; MENDONÇA, H. Burnout em professores universitários: impacto de percepções de justiça e comprometimento afetivo. Psicologia: **Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.25, n.4, p.499-508, 2009.

TAMAYO, M. R. **Relações entre a síndrome de Burnout e os valores organizacionais no pessoal de enfermagem de dois hospitais públicos**. Brasília, 1997, 102 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

TRALDI, M. T. F.; FIUZA, G. D. Comprometimento, bem estar e satisfação dos professores de administração de uma universidade federal. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 290-316, 2012.

TRIGO, T. R.; TENG, C. T.; HALLAK, J. E. C. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. **Revista Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v.34, n.5, p. 223-233, 2007.

TRINDADE, L. de L.; LAUTERT, L. Síndrome de Burnout entre os trabalhadores da Estratégia de Saúde da Família. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 274-279, 2010.

ESPECIFICIDADES DO RELACIONAMENTO AMOROSO DE CADEIRANTES

SPECIFICITIES OF THE LOVING RELATIONSHIP OF WHEELCHAIR USERS

Cleidi Mara Borba[1]; Angélica Paula Neumann[2]

[1]Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Câmpus de Erechim. *E-mail*: cleidimaraborba@bol.com.br
[2] Psicóloga (URI – Erechim), Mestre e Doutora em Psicologia (UFRGS), Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Câmpus de Erechim. *E-mail*: aneumann@uricer.edu.br

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo investigar as especificidades dos relacionamentos amorosos, nos quais, pelo menos um dos parceiros(as) é cadeirante. Foram entrevistados quatro casais utilizando um roteiro de entrevista semiestruturada. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio de Análise de Conteúdo. Nos resultados, foram identificadas três categorias: a) Individualidade x conjugalidade, b) Ciclo vital e relação com as famílias de origem, e c) Rotina diária. Observou-se que esses casais, em muitos aspectos, vivenciam o casamento de maneira semelhante àqueles que não possuem deficiências físicas. Observaram-se variações devido às idiossincrasias de cada casal e ao nível de dependência decorrente da deficiência. Para a maior parte dos casais, a vivência da conjugalidade prevaleceu quando se trata do binômio conjugalidade e individualidade, tratando-se de uma conjugalidade demarcada pelo cuidado. Nas rotinas diárias, observou-se que os cônjuges dividiam as tarefas domésticas, conforme as suas possibilidades e aptidões. Foram observadas relações nítidas ou distantes com as famílias de origem. Concluiu-se que, no relacionamento desses casais, as especificidades são demarcadas pelo carinho, cuidado e companheirismo entre os cônjuges.

Palavras-chave: Acessibilidade. Adaptação. Famílias. Paraplegia. Relações conjugais.

ABSTRACT: The present study aimed to investigate the specificities of the loving relationship in which one of the partners is a wheelchair user. Four couples were interviewed using a semi structured interview script. The interviews were recorded, transcripted and analyzed using content analysis. As results, three categories were identified: a) Individuality *versus* conjugality, b) Life cycle and relationship with family of origin, and c) Daily routine. We observed that these couples lived their marriage in a similar way of other ones. There were many variations in the idiosyncrasies of each couple and in the level of dependence resulting from the disability. For most couples, the experience of conjugality prevailed when it comes to the binomial conjugality and individuality. It was a conjugality demarcated by care. On daily routines, we observed the division of home tasks according to their possibilities and competences. Clear or distant boundaries with the families of origin were perceived. We conclude that the specificities of these couples are marked by the affection, care and companionship between the spouses.

Keywords: Accessibility. Adaptation. Families. Paraplegia. Marital relationships.

INTRODUÇÃO

Desde que o ser humano nasce, uma das suas necessidades é a de estar com e ser cuidado por outro. Ao longo de sua existência, o ser humano vivencia diversos tipos de relações interpessoais que fazem com que

se sinta pertencente a um grupo ou comunidade (MACHADO, 2007). Existindo essa necessidade, o casamento pode ser uma forma de supri-la. A união conjugal, assim, é um espaço que pode proporcionar tanto profundidade e intimidade dos laços, quanto companhia e autoafirmação (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2009). Para Féres-Carneiro (1998), o objetivo do casamento é dar um certo sentido à vida do sujeito.

A formação da identidade do casal ocorre por meio do delineamento de um espaço psíquico compartilhado, no qual o casal precisa aceitar as diferenças e as ambivalências presentes em cada parceiro. Essa experiência compartilhada, demarcada pelo cuidado com o outro, é o que permite tanto a criação de um elo, como do reconhecimento das diferenças (PIGNATARO; FÉRES-CARNEIRO; MELLO, 2019). Nesse sentido, para se tornar casal, os cônjuges precisam aprender a conciliar as suas demandas individuais com as novas demandas da conjugalidade, tarefa inerente ao casamento.

De acordo com Féres-Carneiro (1998), parte da dificuldade em ser um casal está no fato de serem duas individualidades, mas uma conjugalidade, ou seja, cada parceiro (a) possui o seu mundo, as suas histórias, os seus medos e os seus projetos de vida, tendo que se entender, adaptar-se e conviver em uma relação conjugal. Para que consigam se desenvolver dentro da relação conjugal, precisam encontrar o equilíbrio entre a conquista de sua autonomia, que caracteriza a sua individualidade, e a realização de projetos em comum trazidos pela conjugalidade. Nesse sentido, pode-se pensar que, devido às limitações advindas de uma deficiência física, casais em que um ou ambos os cônjuges são cadeirantes possam vivenciar o equilíbrio entre a individualidade e a conjugalidade de uma maneira distinta.

Dentre as principais mudanças que ocorrem na vida de pessoas que vivenciam lesões medulares, estão as alterações emocionais, os sentimentos de angústia, por depender de alguém, a incapacidade e a negação, transformações nos círculos sociais, mudanças físicas e fisiológicas, surgimento de lesões por pressão, dores, espasmos musculares, infecções urinárias e alterações na sexualidade. Tais mudanças requerem dos sujeitos a ressignificação de suas vidas e a realização de múltiplas modificações no cotidiano e no espaço doméstico, a fim de tornar a casa acessível (RUIZ *et al*., 2018).

Frente a todos esses desafios, os parceiros e a família são muito representativos na vida de um indivíduo cadeirante. Ao longo do ciclo vital, os sistemas familiares são regidos por duas forças opostas, as forças centrífugas, aquelas que afastam o indivíduo do centro familiar para buscar a sua autonomia, e as forças centrípetas, nas quais há uma aproximação do indivíduo em relação a sua família. A deficiência física, quando ocorre em um momento centrífugo do ciclo vital, pode fazer com que ocorram mudanças nesse período, pois a necessidade de cuidados que esse indivíduo requer pode fazer com que a família se volte para si, em um momento que seria de expansão para o mundo (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Assim, a maneira como reorganizam as suas rotinas e a sua relação conjugal se torna um aspecto de fundamental importância na convivência da vida a dois, especialmente frente a uma mudança que tende a ser permanente como é a paraplegia. Apesar disso, são poucos os estudos nacionais que investigam o

relacionamento amoroso de indivíduos cadeirantes. Por isso, o objetivo do presente estudo é identificar as especificidades da relação amorosa em que um dos parceiros seja cadeirante.

MÉTODO

Delineamento e participantes

Trata-se de um estudo qualitativo, com caráter exploratório e descritivo, e de corte transversal. Os participantes foram quatro casais. Em três, somente um dos cônjuges possuía uma deficiência física, enquanto em um casal, os dois cônjuges possuíam deficiência física. A faixa etária dos participantes variou de 30 aos 52 anos de idade. O tempo de convivência com a deficiência variou entre 7 a 31 anos. A escolaridade variou de Ensino Fundamental Incompleto até Ensino Superior Completo. A caracterização dos participantes pode ser visualizada no Quadro I. A escolha desses participantes se deu por conveniência, e tinha-se como critério morar na mesma residência há mais de seis meses.

Quadro I - Caracterização dos participantes

Casal	Idade	N° de filhos	Ocupação	Tempo com a deficiência	Tipo de deficiência	Anos casados
H 1	33	0	Ativo	11 anos	Paraplegia	13 anos
M 1	30	0	Ativa	-	-	
H 2	46	0	Ativo	31 anos	Tetraplegia	18 anos
M 2	45	0	Ativa	-	-	
H3	52	1	Aposentado	15 anos	Paraplegia	3 anos
M3	40	1	Aposentada	7 anos	Paraplegia	
H4	52	3	Aposentada	8 anos	Paraplegia	25 anos
M4	39	3	Do lar	-	-	

Fonte: dados de pesquisa.

Instrumentos e Procedimentos

Para a realização desta pesquisa, foi utilizada, como instrumento de investigação, a entrevista semiestruturada. Foi composta por perguntas abertas sobre a deficiência e sobre as especificidades do relacionamento conjugal de indivíduos cadeirantes. Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da URI – Erechim (nº. 3.011.672), foi realizado contato com uma instituição que atende deficientes físicos, a qual indicou um casal que cumpriu com os critérios de inclusão. Os outros participantes foram convidados a participar da pesquisa de duas maneiras, pela rede de contatos da pesquisadora e através da técnica *snowboll* (bola de neve). As entrevistas foram realizadas na residência dos participantes, em conjunto com os dois membros do casal. Antes do início da entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido e assinado pelos participantes.

Análise dos dados

Para a análise dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo. Conforme Bardin (2011), a Análise de Conteúdo se constitui de várias técnicas através das quais se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação. As diferentes fases da Análise de Conteúdo se organizam em três polos cronológicos: pré-análise: primeiro contato com o material coletado por meio da leitura flutuante e identificação das categorias. Exploração do material: nessa fase foi realizada a decodificação, a classificação e a enumeração das entrevistas de acordo com as categorias pré-estabelecidas. Tratamento dos resultados e interpretação: nessa fase ocorreu a interpretação dos dados, transformando os resultados brutos em resultados significativos e válidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da Análise de Conteúdo, foram identificadas três categorias: a) Individualidade x Conjugalidade, b) Ciclo vital dos casais e relação com as famílias de origem e c) Rotina diária do casal, essas representativas das especificidades do relacionamento amoroso nos quais um dos parceiros é cadeirante.

Individualidade x Conjugalidade

Pode-se observar nos relatos que cada casal apresentou a sua maneira de exercer tanto a conjugalidade, quanto as individualidades de seus membros. Os fatores visíveis que influenciaram foram a faixa etária, nível de dependência que cada cônjuge cadeirante tem de seu parceiro e relação com as famílias.

O casal H1/M1 estava na faixa etária dos 30 anos no momento da coleta de dados, e o indivíduo com mobilidade reduzida possuía autonomia em muitas atividades diárias. Ele trabalhava e se locomovia de carro, que é adaptado. Em se tratando da vivência da individualidade, pode-se observar no relato desse casal que cada um possuía a sua autonomia e a diferenciação de tarefas:

> Eu faço faculdade, trabalho (...) três vezes por semana faço exercícios físicos (...) eu tenho minhas atividades, ela tem as dela no trabalho, cada um tem o seu papel para desempenhar (H1).

No que tange à vivência da conjugalidade, o casal H1/M1 conseguiu manter uma rotina de saídas noturnas, tendo vivências externas ao lar como casal, saindo para jantar, passear, indo a festas. Mesmo com a condição de mobilidade reduzida de H1, encontraram estratégias para não deixar de praticar tais atividades, o que consideravam importante para o relacionamento.

> Ir a festas a gente tenta manter, a gente mantém um ciclo de amizades uns que a gente tinha uns casais que a gente foi conhecendo depois (...) o H1 é da característica dele que é bem metódico a gente vai sempre ao mesmo restaurante a balada é sempre a mesma (M1).

Para o casal H2/M2, a vivência da individualidade ocorria de maneira bem específica, isso porque H2 possuía total dependência de sua esposa, devido à tetraplegia. Segundo Féres-Carneiro (1998), a constituição e a manutenção do casamento na atualidade são influenciadas pelo individualismo, em que a relação entre os cônjuges se dá mais pela busca de autonomia, independência e satisfação de cada um, do que pelos laços de dependência entre eles. Contrariamente, esse casal vivenciava um nível alto de dependência. Nesse sentido, as vivências no âmbito da individualidade se mostravam restritas ao ambiente doméstico:

> Dependo tudo da M2, tudo dela, desde quando a gente acorda até a hora que a gente deita (...) eu gosto de ficar em casa vendo meus vídeos na internet e a M2 sempre envolvida com as tarefas dela (H2).

No que se refere ao casal H2/M2, o espaço da conjugalidade era vivenciado predominantemente no ambiente doméstico. Era na casa que encontravam espaços de compartilhamento, em pequenos momentos do dia a dia. Pode-se observar a expressão dessa conjugalidade no fragmento a seguir:

> A gente sai pouco, eu gosto de jantar e deitar (...) aqui, nessa casa, tem os meus cachorros, os passarinhos da M2, é bem tranquilo, a gente faz um churrasquinho (...) hoje a nossa vida é aqui (...) a gente toma café e conversa (H2).

Nos casais H3/M3 e H4/M4, também se percebeu maior dificuldade na vivência da individualidade. Porém, observa-se a existência de outro fator que impedia que pudessem vivenciar mais expressivamente a sua individualidade dentro da relação conjugal: os filhos. Mesmo que o cônjuge cadeirante tivesse autonomia para exercer muitas atividades, as tarefas de cuidado com o filho requeriam maior atenção. Para M3, existiam outras prioridades no seu dia a dia:

> Olha, depois que a gente tem filho e pequeno não existe mais isso, (...) o pequeno, ele está sempre grudado na gente (M3).

Já M4 referiu o cuidar do marido, que necessita de cuidados especiais devido a sua condição física, e dos três filhos, do genro e do neto de um ano de idade, priorizando o atendimento e a atenção à família:

> Depois que a gente tem filho nunca mais se fica sozinho, primeiro as crianças são pequenas depois que crescem vem as noras, depois das noras, os netos (M4).

Mesmo não existindo, no relato desses indivíduos, falas que indiquem o exercício rotineiro da individualidade no dia a dia, entende-se que em alguns momentos, dentro de suas possibilidades, essa exista, como exemplificado por H2 ao referir que assistia aos seus vídeos enquanto a esposa fazia as tarefas dela.

Pensando na conjugalidade expressa pelos casais H3/M3 e H4/M4, pode-se afirmar que a vivenciavam de forma semelhante, possivelmente pelo fato de terem filhos e família morando na mesma casa. Observa-se, em seus relatos, que também usufruíam dos momentos a dois no espaço conjugal:

> Olha depois que a gente tem filho pequeno (...) o que a gente faz de casal é em casa mesmo, toma chimarrão, conversa, vê TV essas coisas (M3).

> Depois que a gente tem filho nunca mais se fica sozinho, primeiro as crianças são pequenas, depois que cresce vem as genros, depois, os netos (...) de noite está todo mundo em casa, eles chegam comem e vão pro quarto descansar aí a gente fica aqui eu e o H4 (M4).

O casal H4/M4, por sua vez, demonstrou a existência de pouco espaço voltado ao casal. Não houve demonstrações, em suas falas, de que ocorria um resgate do espaço da conjugalidade. Mesmo com os filhos crescidos, permaneciam voltados à família, vivenciado de maneira muito mais intensa as relações com a família nuclear. Talvez, para eles, a conjugalidade estivesse assentada na convivência familiar. No estudo de Alves-Silva, Scorsolini-Comin e Santos (2017), um dos principais fatores citados para a manutenção de casamentos de longa duração foi à responsabilidade para com a família, aspecto demarcado pelos papeis de gênero tradicionais e por influências sociais e religiosas.

Assim, mais do que o equilíbrio entre conjugalidade e individualidade, observa-se que é a maneira como cada casal constitui a sua dinâmica conjugal específica que define a harmonia relacional. Segundo Levandowski, Piccinini e Lopes (2009), a maior valorização da conjugalidade pode implicar ceder diante das individualidades. Nesse sentido, percebe-se que para a maior parte dos casais da pesquisa, a vivência da conjugalidade prevaleceu quando se trata do binômio conjugalidade e individualidade, tratando-se de uma conjugalidade demarcada pelo cuidado.

Rotina diária do casal

Esta categoria analisou como ocorria a divisão das tarefas domésticas vivenciadas na rotina diária, pelos casais entrevistados. Para o casal H2/M2, em que o marido era tetraplégico, não existia a possibilidade de divisão de tarefas entre o casal, devido à condição física. Para todos os outros casais, percebeu-se que existia um espaço no qual ocorria uma ajuda mútua entre os cônjuges. Cada um dentro da sua possibilidade e acessibilidade, conforme observado nos relatos:

> A gente divide as tarefas, o H1 é totalmente independente dentro de casa, o que ele quiser fazer ele faz, mas dividimos, eu cozinho ele lava a louça, tira a mesa (M1).

Esse modelo de divisão de tarefas observado no relato do casal H1 e M1 se contrapõe ao modelo tradicional. Hoje, os novos modelos de casamento estão redefinindo na prática o conceito de família conhecido tradicionalmente, ocorrendo um maior compartilhamento das tarefas educativas, quando há filhos, e de organização do dia-a-dia da família (WAGNER *et al*., 2005).

Essa mudança de papéis também ocorreu com o casal H3 e M3, porém, para eles, existia a necessidade de ter uma terceira pessoa para executar algumas atividades diárias, devido ao fato de ambos serem cadeirantes. Mas no restante das atividades, pode-se observar que existia uma divisão nas tarefas:

> Temos uma moça que vem a cada 15 dias (...) ela vem, limpa os vidros, lava a calçada, o banheiro aonde é alto e a gente não consegue esfregar, mas no resto é tranquilo a nossa casa é bem adaptada, não tem nada alto, que não esteja ao nosso alcance, tudo dá pra gente fazer (M3).

O modelo tradicional de família, por sua vez, é aquele no qual o pai era o provedor do lar e a ele era incumbido o papel de trabalhar para manter, financeiramente, a casa, esposa e filhos, sendo que a esposa tinha como dever a responsabilidade pelos cuidados domésticos (JABLONSKI, 2010). Mesmo que venham ocorrendo essas mudanças no conceito da divisão de tarefas domésticas, observou-se no relato do casal H4/M4 que a divisão das tarefas por eles ocorria de forma distinta dos outros casais:

> Eu faço café, limpo a casa, lavo roupa, tem uma montoeira de gente nessa casa, e fica tudo pra mim, aí passo o dia na lida mesmo. O H4 está sempre fazendo um conserto por aqui, outro ali, sempre dá um jeito, se não dá pra ir com a cadeira ele senta no banquinho mesmo. (M4).

Enquanto M4 se detinha na realização de atividades domésticas, como lavar, limpar, cozinhar, H4 se ocupava em realizar outras tarefas. Mesmo que existisse a participação de H4 nas atividades, observa-se, no seu relato, que ocorria nas atividades ainda destinadas aos homens: “está sempre fazendo um conserto”. O relato desse casal reforça o conceito de Fleck e Wagner (2003) que apontam que mesmo que já se perceba uma relativa mudança na divisão de tarefas, nem todas as famílias vêm acompanhando-a da mesma maneira e no mesmo ritmo, e ainda hoje encontramos famílias que seguem o padrão tradicional, no qual aos homens cabem serviços como consertos e às mulheres cuidar dos filhos e da casa.

Ciclo vital dos casais e relação com as famílias de origem

Essa categoria aborda a maneira como cada casal estava vivenciando as tarefas de sua etapa do ciclo vital familiar, bem como a maneira como se estabeleceu a relação dos casais com as suas famílias de origem após o acidente.

Os casais H1/M1 e H2/M2 encontravam-se no estágio do ciclo de vida familiar chamado adultos jovens casados. Os indivíduos, nessa fase, estão comprometidos com um novo sistema, momento em que ocorre, também, o realinhamento dos relacionamentos dos parceiros com as famílias ampliadas. Nesta fase, deve ocorrer uma separação emocional da família de origem que permita a criação de espaço psíquico para a nova família, mas isso não precisa significar um rompimento com as famílias (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Essa relação com as famílias de origem pode ser analisada considerando as fronteiras, definidas como barreiras invisíveis que servem para diferenciar os indivíduos e os subsistemas. Existem três tipos de fronteiras: as nítidas, em que cada membro consegue desenvolver o seu papel sem a interferência de outros; as difusas, frágeis e de fácil atravessamento devido a interferências exageradas, e as rígidas, nas quais existe distanciamento emocional e o diálogo ocorre de maneira difícil (WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011).

Pensando no subsistema conjugal H1/M1, observa-se que as fronteiras entre este casal e as famílias de origem de ambos eram nítidas, pois, por mais que a família de origem de cada membro tenha tentado interferir na relação do casal, aspecto ocorrido principalmente quando H1 saiu do hospital, esses não permitiram. Naquele momento, o casal optou por seguir com suas vidas de forma autônoma das famílias, pois nessa fase a sua prioridade também era o comprometimento com o novo sistema marital.

O relato do casal confirma a proposição de Carter e McGoldrick (1995, p. 16) quando afirmam que "os jovens adultos não precisam submeter-se às expectativas e aos desejos paternos, às suas próprias custas". Pode-se pensar que os "desejos paternos", muitas vezes, são formas que esses pais têm de manter a proximidade e a proteção dos filhos, porém, às vezes, invadindo os seus limites. Apesar disso, H1 e M1 parecem ter conseguido se proteger dessa interferência:

> A questão da família querer superproteger, a gente teve um processo complicado porque a gente não aceitou sair do hospital e nem ir pra casa de um nem pra casa do outro, a gente quis, mesmo com as dificuldades, continuar só nós dois, teve isso a questão da divergência da família até por que eles não aceitavam (M1).

No relato de H2, também foi possível observar fronteiras nítidas, pois existia um respeito entre os indivíduos e o seu espaço, e cada membro do sistema familiar sabia identificar qual era o seu papel de uma forma clara e respeitosa. Pode-se observar essa afirmação no relato a seguir:

> Eu nunca tive problema com a minha família (...) nem com a família da M2 a respeito disso. Quando conheci a M2, ela me apresentou a mãe dela, e a mãe dela tudo bem tudo tranquilo, daí uns tempos fui à casa dela conheci o pai dela, as irmãs dela o irmão, a avó. Sempre os tratei com respeito, e eles me respeitaram (...) conheci a avó, conheci toda a família, trouxe ela aqui, ela conheceu meu pai minha mãe apresentei meus amigos (H2).

O casal H3/M3, por sua vez, encontrava-se no estágio do ciclo de vida familiar denominado família com filhos pequenos. Nesse estágio, precisam ajustar o sistema conjugal, criando espaço para esses filhos, além de terem que se unir nas tarefas de educação, tarefas domésticas e financeiras. Existe também, nesse estágio, a necessidade de resgatar o espaço da conjugalidade e realinhar os relacionamentos com a família ampliada, incluindo os papéis de pais e avós, conforme o conceito de Carter e McGoldrick (1995).

Analisando o depoimento do casal H3/M3, pode-se pensar que as fronteiras existentes entre os cônjuges e suas famílias de origem possam ser rígidas, pois, conforme Wagner, Tronco e Armani (2011) nessas famílias pode-se observar um distanciamento emocional, o que prejudica os sentimentos de lealdade e pertencimento à família:

> Olha ninguém falou nada, quer dizer pra mim não falam nada né, acho que às vezes eles têm medo de dizer o que pensam e não falam (H3).

> Pra mim só me perguntaram você tem certeza, que tu quer fazer isso (em relação ao fato de ir morar com o namorado cadeirante) (M3).

Referindo-se ao casal H4/M4, seus relatos não forneceram informações sobre suas famílias de origem. Em relação à família nuclear (formada por H4 e M4 com seus três filhos, genro e neto), encontravam-se no estágio do ciclo familiar denominado “Lançando os filhos e seguindo em frente”, também conhecido como “Ninho Vazio”. Esse ciclo se inicia na adultez dos filhos, usualmente com a saída do primeiro filho de casa, e culmina com a saída de último, se assim tiver (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Essa família, porém, ao invés do Ninho vazio, vivenciava o denominado Ninho cheio, quando os filhos adultos continuam morando com pais de meia idade (VIEIRA; RAVA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi identificar as especificidades da relação amorosa em que pelo menos um dos indivíduos é cadeirante. Pode-se concluir que todos os casais entrevistados aprenderam a manejar a deficiência, incorporando adaptações à rotina diária. A maneira como ocorreu essa adaptação, porém, foi singular. Há indicativos de que, para a maior parte dos casais, a vivência da conjugalidade prevaleceu quando se trata do binômio conjugalidade e individualidade, tratando-se de uma conjugalidade demarcada pelo cuidado. Porém, para alguns, a parentalidade se sobressaiu às dimensões da individualidade e conjugalidade.

Observa-se na rotina dos casais um compartilhamento das tarefas domésticas, respeitando as limitações impostas pela deficiência e as aptidões de cada indivíduo. Considerando o ciclo vital familiar, evidencia-se que, após o período de adaptação, a deficiência em si não interferiu no cumprimento das tarefas de cada fase, sendo que as diferenças na vivência desse processo podem ser explicadas pelas dinâmicas específicas de cada casal. Considerando a diversidade de vivências encontradas, percebe-se que as especificidades do relacionamento amoroso em que pelo menos um dos indivíduos é cadeirante envolvem o carinho, o cuidado e o companheirismo que os cônjuges têm um com outro, embora tais aspectos variem de acordo com a faixa etária, nível de dependência que cada cônjuge cadeirante tem de seu parceiro e envolvimento com as famílias.

É necessário ressaltar que esse estudo possui algumas limitações. A amostra é formada por indivíduos residentes em uma mesma cidade do interior do Rio Grande do Sul, possivelmente representando aspectos e possibilidades da cultura local. As entrevistas foram realizadas com ambos os membros do casal conjuntamente, o que permitiu à entrevistadora conhecer o clima conjugal e visualizar a dinâmica de interação dos casais. Porém, entende-se que a realização de entrevistas individuais poderia permitir a verbalização de outros aspectos não abordados em conjunto. Considerando a escassez de estudos sobre o tema na literatura nacional, recomenda-se o aprofundamento da temática por meio de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M**. As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FÉRES-CARNEIRO, T. F. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Revista Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

JABLONSKI, B. A Divisão de Tarefas Domésticas entre Homens e Mulheres no Cotidiano do Casamento. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, v. 30, n.2, p. 262-275, 2010.

LEVANDOWSKI, D.C.; PICCININI, C.A.; LOPES, C.S. Individualidade e conjugalidade na relação de casal de adolescentes. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 4, p. 679-687, 2009.

MACHADO, L. M**. Satisfação e insatisfação no casamento**: os dois lados de uma mesma moeda. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal De Uberlândia, Uberlândia, 2007.

PIGNATARO, M. B.; FERES-CARNEIRO, T.; MELLO, R. A formação do casal conjugal: um enfoque psicanalítico. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 34-46, 2019.

RUIZ, A.G.B.; BARRETO, M.S.; RODRIGUES, T.F.C.S.; PUPULIM, J.S.L.; DECESARO, M.N.; MARCON, S.S. Mudanças no cotidiano de pessoas com lesão medular**. Revista RevRene.,** v. 19, p. 02-09.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS. M. A. Casar e ser feliz: mapeando a mensuração da satisfação conjugal. **Psico**., v. 40, n. 4, p. 430-437, 2009.

SILVA, J.D.A.; COMIN, F.S.; SANTOS, A.S. Bodas para uma vida: Motivos para manter um casamento de longa duração. **Temas em Psicologia.** v. 25, n.2, p. 487-501.

VIEIRA, A. C. S.; RAVA, P. G. S. Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo vital familiar? **Revista Barbaroi.** n. 33, p. 118-134, 2010.

WAGNER, A.; TRONCO, C.; ARMANI, A. B. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos (cap. 1). *In*. WAGNER, A. (Org.) **Desafios psicossociais da família contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

WAGNER, A.; PEDREBON, J.; MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 2, p.181-186, 2005.

WAGNER, A.; FLECK, A.; C. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, v. 8, num. esp. p. 31-38, 2003.

A EXPERIÊNCIA DE SER SOLTEIRA DEPOIS DOS TRINTA ANOS

Women's experience of being single after the thirty years

Ticiana Camerini[1]; Angélica Paula Neumann[2]

[1]Psicóloga pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Erechim. *E-mail*: ticicamerini@hotmail.com
[2]Doutora em Psicologia (UFRGS), Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Erechim. *E-mail*: aneumann@uricer.com.br

RESUMO: Este estudo analisou a experiência de mulheres em serem solteiras depois dos 30 anos. Cinco mulheres heterossexuais, com idade entre 32 e 44 anos, responderam a entrevistas semiestruturadas. Os dados foram analisados por meio de Análise de Conteúdo, resultando em duas categorias: Definição do ser solteira e Expectativas para novas relações. Os resultados demonstraram que ser solteira representa, ou solidão, ou liberdade. Todas as participantes manifestaram o desejo de vivenciar uma nova relação amorosa, pautada na busca de uma completude e na procura por alguém que possa satisfazer as suas necessidades afetivo-sexuais. A vivência de ser solteira e as expectativas para um novo relacionamento são demarcadas por ambivalências que ilustram a coexistência entre valores característicos da pós-modernidade e aqueles derivados do amor romântico.

Palavras-chave: Psicologia da Mulher. Mulher. Relações Conjugais. Intimidade.

ABSTRACT: The study analyzed the experiences of being single in women after the age of 30. Five heterosexual women, aged between 32 and 44 years old, have responded to semi-structured interviews. The data were analyzed through Content Analysis, resulting in two categories: Definition of being single and Expectations for new relationships. The results showed that being single represents either solitude or freedom. All participants expressed a desire to have a new romantic relationship. They were searching for completeness and for someone who could satisfy their affective and sexual needs. The experience of being single and the expectations for a new relationship are marked by ambivalences that illustrate a coexistence between values characteristic of postmodernity and those typical of romantic love.

Keywords: Psychology of Women. Woman. Marital Relations. Intimacy.

Na conjuntura social atual, as relações amorosas são perpassadas por influências pós-modernas, pautadas, em grande parte, pela liquidez das relações (BAUMAN, 2004). Este entendimento de que as relações são mais voláteis e de que os vínculos estão cada vez mais afrouxados tem surgido de maneira naturalizada nas narrativas de sujeitos de diferentes estudos (ACSELRAD; BARBOSA, 2017, FALCKE; ZORDAN, 2010, GALVÃO; ALENCAR; ALVES, 2017, SMEHA; OLIVEIRA, 2013), visíveis, também, nas mídias sociais.

O estabelecimento das relações sob a perspectiva pós-moderna se dá pela busca da liberdade e igualdade de gêneros, caracterizando a satisfação das necessidades sem uma preocupação com padrões tradicionais (FONSECA; DUARTE, 2014). A ascensão desses preceitos possibilitou aos indivíduos a libertação de relações, muitas vezes opressoras, regidas por normas sociais, religiosas e familiares rigorosas, possibilitando a busca por formas mais igualitárias de se relacionar. Ainda na década de 1990, porém, Willi (1993) apontou que a ruptura de alguns tabus gerou, reativamente, tabus opostos no que tange aos relacionamentos. Segundo o autor, se antes a regra ditava relações amorosas pautadas por diferenças

demarcadas de gênero, pela valorização do casamento como única possibilidade de exercício da sexualidade e pela não-dissolubilidade das relações, na atualidade, esse tipo de relação passou a ser visto como um tabu. Do seu oposto, surgiram outros preceitos, vinculados à aspiração de um relacionamento pautado em uma amizade livre, que torne possível a ambos os cônjuges a sua realização própria e ilimitada, guiada por um amor sem obrigações e cobranças. Conforme o autor, porém, muitas pessoas se sentem oprimidas por essa nova norma, tentando demonstrar uma independência forçada e ocultando sentimentos de carinho e ternura, por medo de serem consideradas infantis, ingênuas e vulneráveis.

Para aqueles que já vivenciaram uma ruptura amorosa, o engajamento em um novo relacionamento é permeado, além dos fatores socioculturais, pela bagagem emocional atrelada à vivência anterior. Tal bagagem pode tornar o sujeito sensível a determinados aspectos na nova relação, gerando ou uma reação de autoproteção, que coloca barreiras na intimidade pelo medo de ficar vulnerável a novas mágoas, ou de exigência, na expectativa de que os novos relacionamentos compensem mágoas passadas (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Nesse sentido, quanto mais empobrecido em sua individualidade, mais o indivíduo tende a sobrecarregar a conjugalidade com expectativas irreais e inalcançáveis, demandando do futuro cônjuge e da futura relação algo além de sua capacidade (MOSMANN, *et al*., 2015). Em uma perspectiva sistêmica clínica, SATIR (2002) aponta que, quanto mais elevada é a autoestima e o senso de si mesmo(a), menos o sujeito dependerá de demonstrações afetivas contínuas e concretas do cônjuge. Ao contrário, as pessoas com uma concepção vulnerável de si mesmas tendem a depender demasiadamente das demonstrações afetivas do parceiro(a).

Na atualidade, observa-se que o casamento tem se constituído como um projeto de vida cada vez mais tardio, antecedido pela realização profissional, pessoal, por ter boas condições de vida, pela conquista de sonhos e pela possibilidade de continuar se especializando (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009). Contudo, mesmo com o adiamento do casamento como projeto de vida, os jovens pontuam que constituir família, ter bom relacionamento com um(a) companheiro(a), encontrar a felicidade ao lado de alguém e encontrar o amor são ideais importantes (ZORDAN; WAGNER, 2009).

A priorização da carreira e do desenvolvimento individual sobre o relacionamento amoroso é um fenômeno presente na vida das mulheres contemporâneas (GALVÃO; ALENCAR; ALVES, 2017), muitas vezes, retardando o investimento em uma relação amorosa. Cada vez mais, as mulheres têm se esforçado para ultrapassar limites sociais tradicionalmente impostos, expandindo sua inserção na sociedade e deixando de exercer exclusivamente a função conjugal e materna (FALCKE; ZORDAN, 2010). Neste contexto, o aumento do nível educacional, assim como a profissionalização, aumenta para as mulheres a possibilidade de fazer escolhas (SILVA NETO; STREY; MAGALHÃES, 2011), e o amor e a afinidade se tornam os elementos fundamentais para iniciar e manter as relações conjugais (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009).

No entanto, muitas mulheres ainda associam a conjugalidade à maternidade (SILVA NETO, *et al*., 2011). Passados os 30 anos, a vivência ou a prospecção da maternidade passa a se fazer presente para as

mulheres que possuem esse desejo, dados os limites biológicos e os riscos obstétricos que ocorrem após os 35 anos (MOURA, *et al*., 2018). Assim, nas mulheres solteiras com mais de 30 anos, as expectativas acerca da maternidade podem estar ligadas às expectativas acerca da conjugalidade.

Diante disso, evidencia-se que a expectativa da mulher solteira com mais de 30 anos para um novo relacionamento amoroso pode congregar desejos divergentes, sendo relevante conhecer as suas vivências. Junto do desejo de encontrar o parceiro ideal, existe uma facilidade em desistir de relações frustradas e permanecer buscando uma nova relação mais prazerosa. Essa influência, de caráter sociocultural, é permeada pelas histórias relacionais anteriores da mulher e pelas suas expectativas de família, influenciadas também pelo ciclo biológico reprodutivo. Frente a isso, a presente pesquisa tem como objetivo investigar as experiências sobre o ser solteira em mulheres com mais de 30 anos.

MÉTODO

Delineamento e Participantes

Trata-se de um estudo qualitativo e transversal, de caráter descritivo e exploratório. Participaram da pesquisa cinco mulheres solteiras, heterossexuais, adultas, residentes em uma cidade da região Norte do Rio Grande do Sul com aproximadamente 5.000 habitantes. Os critérios de inclusão foram que o estado civil no momento da entrevista fosse o de estarem solteiras, podendo já ter namorado ou coabitado, com idade mínima de 30 anos. As participantes tinham entre 32 e 44 anos e sua escolaridade variava do Ensino Médio ao Superior. A maioria já havia vivido algum tipo de relacionamento amoroso. Todas exerciam uma profissão e atuavam no mercado de trabalho e residiam com outras pessoas de sua família, a maioria com os pais. Apenas uma tinha filhos.

Procedimentos

A amostra foi composta por conveniência, por meio da rede de contatos de uma das pesquisadoras. Realizou-se com cada participante uma entrevista semiestruturada, guiada por um roteiro contendo 12 questões. A entrevista versou sobre os temas: a vivência de serem solteiras, as relações anteriores, o relacionamento ideal, o parceiro ideal e expectativas frente a uma nova relação amorosa. As entrevistas foram audiogravadas e transcritas na íntegra. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da URI – Câmpus de Erechim, sob o Parecer nº. 3.113.870. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), seguindo-se três fases: Pré-análise, Análise e Tratamento de dados obtidos/interpretação. Na fase de Pré-análise, realizou-se a leitura flutuante e, com base no roteiro de entrevista e no corpus, foram delineadas ideias acerca de possíveis categorias de análise, tomando-se como base as regras da exaustividade, da representatividade, da homogeneidade e da pertinência. Na fase de Análise, ocorreu a aplicação sistemática das decisões tomadas na fase anterior. Consistiu na codificação do texto em função das categorias previamente formuladas. Nesta fase, foram definidas três categorias de análise, e os dados foram categorizados. Em seguida, na fase de Tratamento dos dados obtidos/interpretação, realizou-se a compreensão das informações a partir do referencial teórico sistêmico.

RESULTADOS

Categoria 1. Definição do ser solteira

Esta categoria reúne as respostas trazidas pelas participantes sobre o que é ser solteira, como se sentem estando solteiras e a que justificam o estarem solteiras. Para três participantes, ser solteira representa solidão, estar só e sem ninguém (P1, P2 e P3). A ausência de alguém para beijar na boca ou fazer sexo também foi nomeada (P2). Como se pode observar, tais definições estão pautadas na falta de outra pessoa. Outro ponto de vista foi expresso pelas participantes P2, P4 e P5, as quais demonstraram entender que estar solteira é poder usufruir da liberdade, no sentido de não precisar dar explicações a outras pessoas sobre seus horários e escolhas: "*Ah, estar solteira, é bom, não é, mas é bom! (...) porque você tá livre pra não ficar dando satisfação pra ninguém, pode sair a hora que quer, voltar a hora que quer, sem dar explicação pro marido ou namorado"* (P4).

Ao relatar como se sentem estando solteiras, foram expressos os termos "difícil" (P2 e P3), "vazio" e "irritabilidade" (P4), este último atribuído ao desejo de querer se envolver, e não conseguir. Essa ambivalência a respeito do estar sozinha *versus* estar acompanhada foi pontuada por P4 e P5, denotando que o estar solteira não é, necessariamente, uma escolha: "*Ah, às vezes dá uma irritabilidade porque querendo ou não a gente quer se envolver né, mas como não aparece então, ah, eu me sinto feliz, me sinto alegre"* (P4).

Este aspecto se evidencia com mais clareza quando as participantes atribuem o estar solteiras prioritariamente ao fato de não terem encontrado uma pessoa com as características por elas desejadas. Tanto P2, quanto P4 entenderam que não encontraram ainda alguém que pudesse satisfazer seus desejos ou preencher os "requisitos" que buscavam:

> *Eu não posso dizer que é uma escolha somente. Bah é difícil hoje você achar uma pessoa que preencha os requisitos e com a idade mais, assim, estando mais madura, a gente fica um pouco mais seletiva e aí, ficando mais seletiva, você fica mais exigente. De repente é essa exigência que tá, que estou solteira por isso, por ser exigente demais* (P2).

Essa fala ilustra que o estar solteira se relaciona às expectativas em relação ao outro, pautadas em um nível maior de exigência pessoal. A maturidade, neste caso, faz com que se torne mais difícil para outra pessoa atender aos seus critérios pessoais. Nesse sentido, verifica-se que a motivação para o estar solteira se relaciona à não aceitação de "qualquer relação", condicionando um relacionamento à sensação de satisfação e felicidade.

Algumas, ainda, atribuem o fato de estarem solteiras a terceiros. Por exemplo, P1, a única participante com um filho, alega que a priorização da educação do filho a impediu de formar uma nova relação. Já para P3, o estar solteira parece vinculado a uma forma de autoproteção, pois a vivência de decepções e mentiras em outras relações dificultam a confiança para a constituição de uma nova relação: *"Ah, devido aos outros relacionamentos que eu tive um pouco a decepção, devido ao parceiro não falar a verdade de não ser aquela coisa que a gente, né, imaginasse, esperasse".*

Categoria 2. Expectativas para novas relações

Essa categoria reúne as ideias trazidas pelas participantes acerca de novas relações, abordando o desejo de estabelecer nova relação amorosa, as suas expectativas, as mudanças que seriam necessárias na nova relação, as suas perdas e ganhos, as características de um parceiro ideal e as características de um relacionamento ideal.

Quatro das cinco participantes demonstraram um desejo claro de estabelecer uma nova relação amorosa. Fica implícito em algumas respostas que a expectativa é de que a nova relação venha a suprir uma falta. Isso pode ser observado quando pontuam que o desejo está entrelaçado na necessidade de completar um vazio e sentir-se mais mulher (P1) e que buscam não se sentir só, ter com quem sair (P3) ou satisfazer as necessidades de carinho, atenção e as sexuais (P2). O desejo de uma nova relação também representa a possibilidade de uma troca que favoreça o desenvolvimento, como a necessidade de estabelecer com alguém um diálogo que possibilite um crescimento e correção de erros (P2). Apenas P5, colocou restrições à vivência de um novo relacionamento, sendo que estabeleceria apenas se viesse a gostar muito da pessoa. Compreende-se, nesse caso, que a necessidade primeira é o surgimento de um sentimento que posteriormente possa trazer o desejo de assumir um relacionamento.

Dentre as expectativas para uma nova relação amorosa, pode-se identificar que estão focadas ou na forma mútua de se relacionar, ou naquilo que esperam do outro. A relação deverá basear-se no respeito um pelo outro, na troca de afetos, no companheirismo, na cumplicidade e na reciprocidade, como citam as

participantes P1 e P4. No que diz respeito às expectativas focadas no que se espera receber do outro, o carinho, a atenção e o respeito, fatores esperados pelas outras três participantes. Chama a atenção que as participantes distinguem fatores pessoais que modificariam em novos relacionamentos apenas quando perguntadas diretamente. Elas verbalizam que gostariam de diminuir o nível de cobrança, doar-se mais, conhecer melhor o parceiro, confiar menos, não ceder todas as vezes, ter menos ciúmes e não esperar um "conto de fadas".

Em relação às perdas e ganhos de uma nova relação amorosa, nota-se uma semelhança na opinião da P1 e P5: ambas enfatizam os ganhos e minimizam as perdas. P3 não vê perdas, no entanto impõe através de sua resposta uma condição para isso: *"Acho que se a gente se gostasse, se desse tudo certo não teria perda nenhuma, só ganhos"*. Algumas participantes ponderam que a liberdade poderia ser uma perda (P2 e P4). Todas afirmam existir ganhos, entre eles o carinho, o colo, a companhia e a possibilidade de compartilhar.

Duas das participantes, P1 e P3 não acreditam na existência de parceiro ideal, mas prezam por características de personalidade como honestidade, sinceridade, fidelidade e companheirismo, além de citar o amor. Para P4 e P5, características de personalidade se sobressaem ao aspecto físico, já que estas afirmam nunca terem pensado em alguém que fosse bonito, mas sim que fosse legal, de confiança e de caráter. Portanto, características de personalidade foram citadas pelas cinco participantes ao falarem sobre um parceiro amoroso.

No que se refere às características de uma relação ideal, foram listados como elementos desejáveis fidelidade, respeito, companheirismo, cumplicidade, honestidade e confiança, citadas aleatoriamente por P1, P2, P3 e P4. Por fim, P5 direcionou sua resposta com foco nas características de um parceiro, deixando de lado as características da relação: "Ideal não, mas com alguém maduro que queira construir algo sério, que não seja uma brincadeira".

DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi analisar as expectativas apresentadas por mulheres adultas com mais de 30 anos para um novo relacionamento amoroso. Tendo em vista o objetivo, foram identificadas duas categorias que contextualizam a vivência do ser solteira pelas participantes e as expectativas e desejos voltados a novas relações. As entrevistas foram realizadas com mulheres que se consideravam solteiras, o que permitiu coletar informações sobre como definem esse estado, como se sentem nele e as razões que justificam o estarem solteiras, formando assim, a primeira categoria, "Ser Solteira".

O termo "solidão" foi empregado para explicar que estar solteira é, além de outras coisas, estarem sós e sentirem-se sozinhas. No caso dessas mulheres, a solidão parece representar uma dificuldade e caracteriza-se pela ausência do outro. O resultado diverge do encontrado em um estudo americano, realizado com mulheres mais jovens (18 a 22 anos) do que a presente amostra. No referido estudo, todas as participantes

avaliaram o estar solteira como positivo, embora tenham justificado o seu posicionamento por meio de diferentes perspectivas, conforme o nível socioeconômico (BAY-CHENG; GOODKIND, 2016). Para estudantes universitárias de alto nível socioeconômico, o estar solteira foi compreendido como uma possibilidade de investir no próprio aperfeiçoamento, sendo a liberdade considerada uma despreocupação que lhes permite ir atrás de seus próprios interesses e ambições. As jovens de baixo nível socioeconômico sem estudos universitários também nomearam o ser solteiras como uma forma de liberdade, porém, significado como uma forma de se proteger dos riscos dos relacionamentos, como conflitos e desilusões. Em um meio termo, as estudantes universitárias de baixo nível socioeconômico consideraram o estar solteira como uma opção, na medida que em que priorizavam o investimento em suas carreiras como uma maneira de obter um futuro mais seguro (BAY-CHENG; GOODKIND, 2016).

Assim como no estudo supracitado, a liberdade foi identificada como uma vantagem do ser solteira. Contudo, parece representar um deslindar-se do controle do outro. Talvez a diferença na idade, na cultura e nas experiências de vida das participantes justifique, em partes, essa diferença no entendimento da liberdade, uma vez que todas as participantes com mais de 30 anos já viveram algum tipo de relacionamento amoroso anterior, em um contexto de cidade pequena, onde as normas culturais são menos variadas e os papeis de gênero melhor definidos. O estudo de Carpenedo e Koller (2004) evidencia que as mudanças socioculturais influenciam nos relacionamentos amorosos e, consequentemente, na maneira como as pessoas os percebem.

O entendimento de liberdade como ausência de controle parece colocar o compromisso afetivo como algo que retira a espontaneidade e a individualidade das participantes. É como se, para pertencer, precisassem abdicar de si mesmas e dos próprios desejos em prol do outro. Sabe-se que o estabelecimento de uma relação amorosa envolve renunciar a parte da individualidade em prol do pertencimento (MINUCHIN, 1982). Contudo, essa parte não pode ser tão grande a ponto de despersonalizar qualquer dos membros do casal, visto que a relação de amor precisa respeitar a integridade de ambos, sem a necessidade de que um imponha condições ao outro (SATIR, 2002).

O desejo de estabelecer uma nova relação amorosa se faz presente para quatro das cinco participantes. Observa-se que esse desejo está ligado à busca de uma completude, na procura por alguém que possa satisfazer as suas necessidades afetivo-sexuais. Apesar da maior liberdade para a busca de parceiros sexuais e da crescente desvinculação entre sexo e amor, para estas participantes, a vivência sexual parece estar atrelada à experiência afetiva, aspecto que permanece presente no relato das mulheres em outros estudos (FALCKE; ZORDAN, 2010). A busca pelo outro para suprir as necessidades afetivas pode reportar à ideia do amor romântico, em que um parceiro(a) deva atender as necessidades do outro(a) e completar alguém que parece incompleto. Sabe-se que a busca pelo amor romântico prevalece quando existe a fantasia de que o sentimento dado será correspondido em todos os sentidos (SMEHA; OLIVEIRA, 2013).

No entanto, a realidade nas relações opera de forma muitas vezes contrária, e as pessoas que são satisfeitas consigo mesmas tendem a conseguir manter uma relação saudável com outra pessoa por maior

tempo (MOSMANN, *et al*., 2015, SATIR, 2002). De fato, pesquisas mostram que as pessoas que vivenciam uma boa qualidade conjugal são aquelas que também se mostram mais satisfeitas com outros aspectos de sua vida (ROSADO; BARBOSA; WAGNER, 2016).

Assim, percebe-se uma demanda contraditória, pois ao mesmo tempo em que as participantes do estudo primam pela liberdade que possuem enquanto solteiras e parecem, de fato, viver sob valores característicos da pós-modernidade (GUEDES; ASSUNÇÃO 2006, SMEHA; OLIVEIRA, 2013). Em alguns momentos, parecem buscar por uma relação própria do amor romântico, caracterizada pelo amor individualizado, pela formação de família baseada na fidelidade e pelo dever do homem (GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006), não como provedor financeiro, mas como provedor emocional. As suas expectativas para um novo relacionamento amoroso retratam essa ambivalência, pois englobam tanto o respeito, afeto, companheirismo, cumplicidade e reciprocidade um para com o outro, indicativo de uma responsabilidade compartilhada pela relação, quanto a necessidade de receber carinho, atenção e respeito, posição que parece atribuir ao outro a responsabilidade pelo sucesso da relação.

De modo geral, as mulheres esperam de um companheiro aspectos como carinho, compreensão e respeito (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009). Todavia, é importante levar em conta o fato de que o outro igualmente pode apresentar expectativas em relação à parceira, e conflitos poderão surgir caso essas expectativas não sejam atingidas (SHIRAMIZU; LOPES, 2013). Faz-se necessário que a relação não esteja focada somente nas expectativas, e sim na disposição de aceitar o outro tal como ele é.

Todas as participantes conseguiram pontuar mudanças que fariam em suas próprias ações para uma nova relação, embora tenham os ponderado apenas quando perguntadas diretamente. A variedade nas respostas obtidas configura-se como um reflexo das diferentes vivências e interpretações sobre as relações que cada participante estabeleceu em suas vidas. Somado a isso, entende-se que os aspectos familiares e os componentes transgeracionais também possuem um peso explicativo na vivência relacional (OZÓRIO; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2017), aspecto não explorado neste estudo. Apesar da existência de poucas informações a respeito das famílias de origem, chama a atenção o fato de todas as participantes residirem com membros de suas famílias, estando a maioria delas morando, ainda, com os pais. Por um lado, este fato pode ser representativo da cultura local ou ter relação com sua organização financeira. Porém, pode-se questionar o quanto a ligação emocional destas mulheres com as suas famílias de origem pode ser um fator de influência nas novas relações, dificultando a formação de um laço duradouro com outro (WILLI, 1993, BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 1994).

Os resultados demostraram que o parceiro ideal para as mulheres é aquele cuja personalidade seja um atrativo, sobressaindo-se a aspectos físicos, tal como evidenciado em outros estudos (GOMES, *et al*., 2013). Observa-se uma valorização do interno pesando sobre a escolha amorosa. Conforme Gomes *et al*. (2013), os atributos elencados pelas mulheres são representativos dos seus valores pessoais, e parece haver uma convergência entre os traços nomeados pelas diferentes participantes. Nesse sentido, as respostas evidenciam

a busca pela relação amorosa como um espaço de pertença e parceria, aspectos que fazem com que, mesmo em um cenário por vezes desfavorecedor, a busca pelo estabelecimento de um vínculo permaneça (AMORIN; STENGEL, 2014).

O que se observa a partir dos resultados deste estudo, articulados com a literatura revisada, é que o período de transição entre velhos e novos modelos, conforme citado por Falcke e Zordan (2010), permanece, na atualidade a co-ocorrência de diferentes modelos de relações e a mistura de diferentes modelos em uma mesma relação. Amorin e Stengel (2014) nomeiam essa mistura de possibilidades como a customização das relações, de modo que cada casal cria o seu modo singular de se relacionar. Existe a oportunidade de as pessoas se reinventarem e reinventarem as suas formas de se relacionar, porém, o custo disso é a perda da estabilidade e das referências já construídas (BORGES; MAGALHÃES, 2013). Entende-se que a expectativa focada naquilo que o outro pode prover, discutida anteriormente, pode ser um reflexo das referências já construídas, derivadas de uma sociedade patriarcal e hierarquizada. Porém, o olhar das participantes acerca da corresponsabilidade necessária para o funcionamento da relação parece representar um olhar mais maduro e realista. Para as mulheres que têm esse olhar e buscam um novo parceiro amoroso, parece-lhes necessário encontrar alguém que possa compartilhar desta perspectiva para que a relação se estabeleça.

Dentre as limitações do estudo, é preciso considerar o tamanho reduzido e a homogeneidade da amostra, já que todas residem em uma cidade de aproximadamente 5.000 habitantes, o que poderia ser um fator de interferência para as respostas já que os hábitos ou costumes de pessoas que residem em cidades menores, por vezes diferem daqueles vivenciados por quem reside em grandes centros. Dadas às características da amostra e o caráter qualitativo do estudo, é importante ressaltar que os dados obtidos não são generalizáveis para outras populações. Nesse sentido, considera-se que novas investigações enfocando este momento do ciclo vital podem contribuir para ampliar o conhecimento sobre a maneira como os indivíduos se preparam para os relacionamentos amorosos.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, M.; BARBOSA, R. R. L. O amor nos tempos do Tinder: Uma análise dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade a partir da compreensão de adultos e jovens adultos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 17, n. 1, 161-180, 2017.

AMORIN, A. N. de; STENGEL, M. Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 19, n. 3, p.179-188, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAY-CHENG, L. Y.; GOODKIND, S. A. Sex and the single (neoliberal) girl: Perspectives on being single among socioeconomically diverse young women. **Sex Roles**, v. 74, p.181-194, 2016.

BOSZORMENYI-NAGY, I.; SPARK, G. M. **Lealtades invisibles**: Reciprocidad en terapia familiar intergeneracional. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1994.

BORGES, C. de C.; MAGALHÃES, A. S. Individualism, life trajectories and plans of constituting a family. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 30, n. 2, p.177-185, 2013.

CARPENEDO, S.; KOLLER, H. Relações amorosas ao longo de décadas: um estudo de cartas de amor. **Interação em Psicologia**, v. 8, n. 1, p.1-13, 2004.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FALCKE, D.; ZORDAN, E. Amor, casamento e sexo: Opinião de adultos jovens solteiros. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 2, p.143-155, 2010.

FONSECA, S. R. A.; DUARTE, C. M. N. Do namoro ao casamento: Significados, expectativas, conflito e amor. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p.135-143, 2014.

GALVÃO, J. A.; ALENCAR, H. M. de.; ALVES, A. D. Perspectivas futuras sobre os relacionamentos amorosos de mulheres de duas diferentes gerações. **Pensando Famílias**, v. 21, n. 2, p. 89-104, 2017.

GOMES, A. I. A. S. de B. *et al*. Escolha do (a) parceiro (a) ideal por heterossexuais: são seus valores e traços de personalidade uma explicação? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 1, p.29-37, 2013.

GUEDES, D.; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 6, n. 2, p.396-425, 2006.

MINUCHIN, S. **Famílias**: Funcionamento e Tratamento. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

MOSMANN, C. P. *et al*. Qualidade conjugal: Como os casais avaliam seu relacionamento? In: A. WAGNER; D. FALCKE; C. P. MOSMANN. **Viver a dois**: Oportunidades e desafios da conjugalidade. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015.

MOURA, B. L. A., *et al.* Internações por complicações obstétricas na gestação e desfechos maternos e perinatais, em uma coorte de gestantes no Sistema Único de Saúde no Município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 1, 2018.

OZÓRIO, C. D.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHAES, A. S. (2017). Casamento dos pais e conjugalidade dos filhos: Do modelo tradicional ao contemporâneo. **Pensando Famílias**, v. 21, n. 1, p.19-32, 2017.

ROSADO, J. S.; BARBOSA, P. V.; WAGNER, A. Ajustamento Conjugal e função das características individuais, do casal e do contexto. **Psicologia em Pesquisa**, v. 10, n. 1, p.26-33, 2016.

SATIR, V. **Nuevas relaciones humanas em el nucleo familiar**. Col. Santa Cruz Atoyac: Editorial Pax México, 2002.

SHIRAMIZU, V. K. M.; LOPES, F. de A. A perspectiva Evolucionista sobre as Relações Românticas. **Psicologia USP**, v. 24, n. 1, p.55-76, 2013.

SILVA NETO, J. A.; STREY, M. N.; MAGALHÃES, A. S. Sobre as motivações para a conjugalidade. In A. Wagner *et al*. (Orgs.), **Desafios psicossociais da família contemporânea**: pesquisas e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15, n. 2, p.33-45, 2013.

WILLI, J. **La pareja humana**: relación e conflicto. Madrid: Ediciones Morata, 1993.

ZORDAN, E.; FALCKE, D.; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em Revista,** v. 15, n. 2, p.56-76, 2009.

ZORDAN, E. P.; WAGNER, A. Projetos vitais de adultos jovens solteiros: Uma reflexão sobre o lugar do casamento. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 2, p.91-96, 2009

A PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES SOBRE O USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Adolescents perception of drug use in adolescence: a study of social representation

Edionara Salete Carbonera[1]; Felipe Biasus[2]

[1] Psicóloga pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim. *E-mail*: edionara@outlook.com

[2] Docente do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim. *E-mail*: febiasus@gmail.com

RESUMO: Reconhecendo os altos índices populacionais em relação ao uso eventual e contínuo de drogas no período da adolescência, realizou-se uma pesquisa com o intuito de analisar as representações sociais e motivações para o uso de drogas na adolescência na percepção de adolescentes estudantes de escolas públicas. O presente estudo seguiu um delineamento misto de caráter exploratório descritivo e de corte transversal. Para tanto, participaram da pesquisa 246 adolescentes de sétimo, oitavo e nono anos de Escolas Estaduais do Município de Erechim, do sexo feminino e masculino. Tais participantes responderam a um questionário auto aplicado através do qual foi possível analisar as representações sociais, bem como, motivação para uso de drogas na adolescência na percepção de adolescentes. Na análise realizada através das evocações de palavras por meio do *software* EVOC, com o termo indutor "uso de drogas na adolescência" foi possível identificar três elementos centrais, sendo as palavras *maconha, proerd* e *vício*, bem como, duas representações sociais, uma relacionada a causas/ motivações para o uso de drogas na adolescência, sendo esta reiterada na nuvem de palavras originária de uma análise com *software* Iramuteq e outra referindo condições e consequências do uso de drogas na adolescência.

Palavras- chave: Adolescência. Drogas. Representação social

ABSTRACT: Recognizing the high population indices regarding the occasional and continuous use of drugs in adolescence, a research was conducted to analyze the social representations and motivations for adolescent drug use in the perception of adolescent students of public schools. The present study followed a descriptive exploratory mixed cross-sectional design. To this end, 246 7th, 8th and 9th grade adolescents from the State Schools of Erechim Municipality, female and male, participated in the research. These participants answered a self-administered questionnaire which was able to analyze social representations as well as motivation for drug use in adolescence in the perception of adolescents. In the analysis performed through word evocations through the EVOC software, with the inductive term "adolescent drug use" it was possible to identify three central elements, namely the words marijuana, proerd and addiction, as well as two social representations, one related the causes / motivations for adolescent drug use, which is reiterated in the word cloud originating from an analysis with Iramuteq software and another referring to conditions and consequences of adolescent drug use.

Keywords: Adolescence. Drugs. Social representation

INTRODUÇÃO

O entendimento da adolescência na contemporaneidade exige um conhecimento amplo acerca dos fatores que levam tal etapa do ciclo vital a características tão específicas, e muitas vezes, difíceis de serem entendidas.

A adolescência é caracterizada pela “definição” de identidade, quando a criança, agora em uma fase de transição, busca ideais para que possa então se identificar e constituir a sua própria identidade. Entretanto, a adolescência embora seja uma etapa do ciclo vital em que são vivenciados momentos de decisões, dúvidas e contradições, é uma fase de grande importância, que deve ser olhada na sua particularidade, e não apenas como um período da vida que “logo vai passar” (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Por se tratar de uma fase de constituição de identidade e intensas mudanças, orgânicas e psicossociais, não raro essa fase se caracteriza por momentos de experimentações, essas ligadas a diversos aspectos da vida. E nesse ínterim, o uso de substâncias, lícitas e ilícitas se faz presente em um grande número de adolescentes (SILVA; MICHELI, 2011).

Dados estatísticos apontam para o alarmante aumento de dependentes químicos no Brasil, entre eles um número elevado de adolescentes que fazem o uso de drogas, sejam lícitas (álcool, tabaco) e/ou ilícitas (maconha, cocaína, crack). Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que o número de adolescentes que fizeram algum tipo de experimentação de drogas ilícitas cresce de 7,3% para 9,0% entre 2012 e 2015, o número de adolescentes que fizeram uso de álcool também cresceu de 50,3% para 55,5% em três anos (PeNSE 2015, 2017).

Segundo Novo (2010), drogas são substâncias, sintéticas ou naturais, que introduzidas no organismo do ser humano, modificam suas funções. O termo “droga” é tido como o de uma substância proibida, de uso ilegal e nocivo ao indivíduo, modificando suas funções, as sensações, o humor e o comportamento. Tem origem da palavra holandesa “droog”, que significa folha seca, já que antigamente quase todos os medicamentos tinham como base os vegetais. Porém, atualmente existem as drogas sintéticas, que são as criadas em laboratórios. Na história da civilização, descobre-se o uso de drogas em distintos contextos sociais: Religioso, Medicinal, Econômico, Místico, Artístico, Intelectual, Militar, Político, Esportivo e Recreativo. No princípio da história, algumas plantas entorpecentes e alucinógenas, chás de ervas, as bebidas fermentadas indicavam sua existência entre os seres humanos.

Na religião, por exemplo, substâncias psicoativas são usadas em toda a história da humanidade, quando Jesus transforma a água em vinho, uma bebida alcoólica consumida até os dias de hoje conhecida como uma droga lícita. Já as drogas ilícitas e a sua proibição surgem tempos depois (DROGAS, 2013).

O uso de drogas na adolescência relaciona-se à situação de vulnerabilidade social, de um adolescente desassistido pela sociedade e principalmente pela sua família, encontrando, por vezes, seu refúgio nas drogas. Embora tais situações sejam reconhecidas, ainda existe um estigma negativo em relação ao “viciado em drogas”, fazendo-se uma associação à criminalidade e não o entendimento das causas que levam o jovem ao uso, em que, por vezes, esses estigmas impostos pela sociedade, e até mesmo pela mídia o colocam em uma condição de intensa crise de afeto e cuidado, acreditando realmente serem “rejeitados” pelo seu meio. (SILVA; MICHELI, 2011)

O uso de drogas lícitas e ilícitas aumenta gradativamente em todo o Brasil, tornando-se cada vez mais um problema de saúde pública, em que apesar dos diversos recursos proporcionados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), como por exemplo os Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPSad), Hospitais Psiquiátricos, Unidades Básicas de Saúde (UBS) com grupos e atividades voltadas aos usuários, ainda a principal característica desses serviços está articulada em tratar o fato, o uso de drogas em si, e não as motivações que levam ao uso, bem como, os fatores relacionados a ele. Procura-se "rotular" os usuários para assim ter um trabalho e tratamento igualitário para todos, sem olhar para as singularidades e especificidades de cada um, o que torna ainda mais problemático, pois o sujeito é visto em um conjunto e não individualmente (DALMOLIN; DORING, 2014)

Assim, de acordo com Silva e Micheli (2011), cabe levar em consideração a importância do tema: uso de drogas na adolescência, como uma construção social, em que as definições dadas aos usuários se diferenciam de acordo com o meio e a cultura em que se está inserido, bem como, a faixa etária.

Diante do exposto e levando em consideração a importância da percepção dos próprios adolescentes sobre o tema referido, esta pesquisa investigou quais as representações sociais e as motivações para o uso de drogas na adolescência, na percepção de adolescentes estudantes de escolas públicas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Delineamento e Participantes

A pesquisa seguiu um delineamento misto de caráter exploratório descritivo e corte transversal. Os participantes foram 246 adolescentes, do sexo masculino e feminino, com idades entre 12 e 17 anos. Todos os participantes eram estudantes de 7°, 8° e 9° anos do Ensino Fundamental de nove Escolas Estaduais do município de Erechim e foram selecionadas por conveniência.

Tabela 1 - Dados da pesquisa

SEXO	***n***
FEMININO	144
MASCULINO	102
IDADE (em anos)	***N***
12	51
13	69
14	86
15	30
16	9
17	1
SÉRIE/ ANO	***N***
7°	73
8º	83
9º	90

Instrumentos e procedimentos de coleta dos dados

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa CEP-URI (Parecer nº 3.180.565). Para coletar as informações, os participantes responderam a um questionário auto aplicado que inicialmente se reportou aos dados de caracterização dos participantes, porém sem solicitação de nenhuma informação que os identificassem. Após isso, uma pergunta aberta sobre o que é adolescência para o adolescente que responde ao questionário, seguindo de uma evocação de palavras com a frase indutora: "Escreva cinco palavras que venham a sua cabeça quando ouve falar em uso de drogas na adolescência", e finalmente uma seção do questionário que se refere às motivações acerca do uso de drogas na adolescência.

Inicialmente realizou-se contato com as escolas selecionadas por conveniência agendando um horário para a apresentação da pesquisa, e mediante o aceite das escolas foi apresentado o projeto, explicitando seus objetivos e metodologia. Para as escolas que concordaram em ceder o espaço da instituição, bem como, cerca de 20 minutos do horário da aula para a realização da coleta de dados, foi entregue um termo de Autorização da Instituição. Vale ressaltar que coleta de dados aconteceu nas salas de aula dos alunos, não sendo necessário que a escola cedesse um espaço unicamente voltado para a pesquisa/coleta.

Após a autorização da instituição, foi realizada a entrega de um Termo de Consentimento aos alunos que apresentaram os critérios de inclusão, para ser devidamente assinado e autorizado pelos pais ou responsáveis. A aplicação dos questionários ocorreu somente após a entrega dos Termos de Consentimento devidamente assinado pelos responsáveis. Apesar da autorização dos pais, no dia da aplicação, foi apresentado um Termo de Assentimento aos adolescentes, destacando a participação voluntária, através do qual cada aluno assentiu a autorização dada pelos pais ou responsáveis para sua participação.

Cabe ainda ressaltar que a pesquisa se deu de forma totalmente anônima, ou seja, em nenhum momento solicitou-se aos participantes dados que pudessem os identificar nos instrumentos de coleta de dados.

Procedimento de Análise dos Dados

Para a realização da análise das evocações de palavras, utilizou-se o programa Ensemble de Programmes L'Analyse dês Évocations (EVOC - 2005), que forneceu dados para o reconhecimento da estrutura das representações sociais.

O programa EVOC permite a realização da análise das palavras evocadas a partir de um termo ou frase indutora. Essa análise, em função de dois critérios, a frequência e a ordem de evocação, possibilita identificar a organização interna das representações sociais, apontando os elementos relevantes, que provavelmente se associam ao termo ou frase indutora. Possibilita a realização de cálculos estatísticos, construindo matrizes de co-ocorrências, os quais servem de base para a construção do quadro de quatro casas que é gerado.

Já para as perguntas abertas, utilizou-se o Software Iramuteq que possibilita a análise de conteúdo das respostas postas para a análise. Dentre suas diversas possibilidades, utilizou-se a nuvem de palavras, ou seja, as palavras que mais apareceram dentro das respostas analisadas, permitindo assim uma análise quanti-qualitativa decorrente do corpus parcial do texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos resultados obtidos, foi possível identificar que em um total de 246 respostas obtidas de 103 adolescentes, os quais referiram já terem feito uso de alguma droga lícita (álcool e/ou tabaco) e 143, não. É importante destacar que todos os participantes são menores de idade. Entende-se que há certa aceitação social em relação ao uso de substâncias como álcool e tabaco, uma vez que essas são aceitáveis socialmente, bem como, mais acessíveis. Em contrapartida, num total de 246 respostas, apenas 24 adolescentes (10% da amostra total) já fizeram uso de droga ilícita e 222 referiram nunca terem usado.

Analisando a questão sobre a visualização pelo adolescente de algum familiar seu fazendo uso regular de bebida alcoólica, pôde-se analisar que 181 já visualizaram e 65, não, o que retrata um nível alto do uso de álcool dentro das famílias, o que pode predispor o uso de drogas nos adolescentes desse núcleo familiar.

Outra questão, que interrogou os participantes se algum familiar seu conversou com ele sobre o uso de drogas, 179 responderam que os familiares conversam e 67 não, entretanto questiona-se sobre que tipo de drogas é falado, uma vez que drogas lícitas (álcool e tabaco) não são vistas como tal e assim, aceitáveis pelos familiares.

As drogas lícitas são encontradas com maior facilidade e muitas vezes vistas como “algo normal” de se usar, como por exemplo o álcool e o tabaco. Por outro lado, existem as drogas ilícitas, vistas pela sociedade como prejudiciais e nocivas ao seres humanos, algo que deve ser “proibido”, como por exemplo, a maconha, cocaína e crack (DROGAS, 2013).

Em relação à evocação de palavras com a frase indutora: “A percepção de adolescentes sobre o uso de drogas na adolescência”, foram evocadas um total de 1.196 palavras, sendo 1.193 analisáveis, em um total de 1.230 possíveis. A partir de tais evocações, foi possível analisar um total de 368 palavras diferentes. Esse achado está de acordo com a colocação de Silva e Micheli (2011), os quais referem que considera o universo das drogas heterogêneo, uma vez que o próprio termo “droga” se difere amplamente de acordo com a cultura em que cada indivíduo está inserido, bem como a percepção de cada um.

Segundo Biasus e Branco (2013), a análise obtida através do EVOC se constitui a partir do “Quadro de Quatro Casas” - uma tabela organizada com base na ordem média da evocação de palavras e também pela frequência dessas palavras. As quatro casas, presentes nesse quadro, são quadrantes. Sendo o primeiro quadrante o que possui palavras com frequência maior ou igual a um determinado valor (definido de acordo

com cada análise realizada) e ordem média de evocação menor do que 2,5, uma vez que são solicitadas até cinco palavras no teste de evocação. O primeiro quadrante normalmente configura o que se denomina na abordagem estrutural das Representações Sociais, o Núcleo Central (NC) da representação, caracterizado por apresentar as ideias organizadoras da representação. O NC corresponde ao quadrante superior esquerdo do quadro de quatro casas (Tabela 2), onde estão dispostas as palavras com maior frequência, bem como, mais prontamente evocadas (Menor ordem média de evocação). No quadrante superior direito e inferior esquerdo e direito, estão dispostos os elementos periféricos da representação como uma complementariedade do NC.

Tabela 2 - Quadro de quatro casas do EVOC para termo indutor "uso de drogas na adolescência"

	OME < 2,5			OME ≥ 2,5		
	Elemento	F	OME	Elemento	F	OME
	Maconha	34	2,118	Morte	54	3,130
F ≥ 24	Proerd	38	2,421	Problemas	29	2,966
	Vício	45	2,244	Tristeza	40	3,050
	Amigos	19	2,474	Bebidas alcoólicas	12	2,583
	Errado	21	2,143	Burrice	13	3,385
	Sofrimento	13	2,077	Cocaína	16	3,188
				Crack	16	3,875
				Depressão	21	3,238
				Doença	14	2,714
F < 24				Família	14	3,214
				Influência	22	2,682
				Loucura	13	3,462
				Mal	12	2,667
				Perda	20	3,400
				Tráfico	14	3,571
				Vida destruída	20	2,500
				Violência	14	2,714

Nota: OME:

A partir da análise, é possível perceber como elementos do NC as palavras *maconha, proerd e vício*. Conforme Silva e Micheli (2011), a maconha é a droga ilícita mais usada no Brasil, bem como, a mais popular, principalmente entre o público adolescente, uma vez que tal substância é percebida como a "menos prejudicial", o que faz com que se torne comum entre esse público.

Por sua vez, o Programa de Resistência às Drogas (PROERD) implantado no Brasil em 1992, tem como Missão: ensinar aos estudantes habilidades para tomada de boas decisões, para ajudá-los a conduzir suas vidas de maneira segura e saudável, como uma forma de promoção e prevenção. Relaciona-se também palavra: *proerd* como o único programa que trabalha de forma direta o termo "drogas" dentro do meio escolar, e apesar de ser coordenado pela polícia militar, de forma autoritária, causa por vezes um impacto significativo entre os adolescentes, uma vez que tal tema ainda é visto como um tabu na sociedade (SPENGLER; SILVA, 2017).

A terceira palavra que compõe o primeiro quadrante é *vício*, remetendo-se a um estigma imposto pela sociedade ao dependente químico. Muito associado ao termo "viciado", a palavra vício conota uma função pejorativa e moral, nesse caso visto pelos adolescentes que responderam à pesquisa como um juízo de valor (SILVA; MICHELI, 2011).

No canto superior direito, como uma casa periférica composta por palavras de alta frequência, porém não tão prontamente evocadas, é possível analisar os seguintes termos: *morte, problemas e tristeza*. Essas palavras podem indicar uma ideia associada aos desfechos causados pelo uso de entorpecentes. Ligam-se às palavras do terceiro quadrante: *amigos, errado e sofrimento*, as quais remetem a um juízo de valor, ao tratar o uso das drogas como um comportamento errado, que gera sofrimento. Nesse quadrante, a palavra *amigos* está presente e permite refletir que os adolescentes podem pensar que o uso de drogas está associado à palavra *amigo*, tanto no que tange à ideia de pertencer, ou seja, inicia o uso para pertencer a um grupo de amigos, e também à perspectiva de que o início do uso se dá mediante a apresentação da droga por amigos, associando-se assim a uma ideia presente na sociedade de que é necessário "cuidar com as influências negativas dos amigos".

A palavras presentes no quarto quadrante: *bebidas alcoólicas, burrice, cocaína, crack, depressão, doença, família, influência, loucura, mal, perda, tráfico, vida destruída e violência.* Essas ideias, associadas às demais, articulam-se em torno do núcleo da Representação Social, e têm uma função de "proteção" do Núcleo. São as ideias mais facilmente alteradas mediante a informações e podem se perceber ideias que se ligam aos demais termos, denotando comportamentos, valores e resultados do uso de drogas.

A partir de tais evocações é possível fazer uma divisão entre duas representações sociais referente ao uso de drogas na adolescência, uma relacionada a causas/motivações que levam o adolescente ao uso, como por exemplo problemas, tristeza, amigos, sofrimento, depressão, família e influência, fazendo-se assim uma interlocução, em que aspectos vivenciados como negativos pelos adolescentes com amigos e famílias lhes causam dificuldades e, por vezes, fogem para a o uso de drogas.

Silva e Micheli (2011) referem que o adolescente segue em uma constante busca por identidade, e junto com ela a aceitação e pertencimento a um grupo social e/ou família. Quando tais laços não se estabelecem de forma saudável, muitas vezes, tal necessidade é deslocada para qualquer ambiente/ meio em que se sinta pertencido, dentre eles o "mundo das drogas", no qual o adolescente se sente aceito pelas pessoas que fazem parte desse grupo, acreditando agora serem "úteis", pois acreditam terem sido aceitos.

Analisando palavras como *tristeza*, *sofrimento* e *depressão* presentes na evocação de palavras, é cabível compreender que, na passagem para a vida adulta, o adolescente comporta-se como uma "esponja" absorvendo tudo o que lhe é oferecido e lhe causa sentimento de prazer. Assim, é ilusório pensar que a droga traz apenas malefícios para a vida do usuário, pois se assim fosse, não haveria motivos para o uso. Quando um jovem faz o uso de alguma substância psicoativa encoraja-se para fazer o que, muitas vezes, sóbrio jamais faria. Ocorrer também u frente a algum sentimento de tristeza, sofrimento ou ansiedade quando usa se sente aliviado e satisfeito, pois provavelmente aquela angústia sentida já não é mais tão intensa, ou até dá espaço a um sentimento de tranquilidade e satisfação (SILVA; MICHELI, 2011).

A outra representação social encontrada refere-se a condições e consequências acerca do que pensam adolescentes sobre o uso de drogas na adolescência, como por exemplo *morte*, *errado, bebidas alcoólicas,*

burrice, cocaína, crack, doença, loucura, mal, perda, tráfico, vida destruída e *violência*, percebendo o uso de drogas na adolescência como negativo e prejudicial.

Nesse sentido, comparam-se os dados obtidos com uma pesquisa realizada por Figueiredo et.al (2017), cuja parte dos adolescentes pesquisados mencionaram o uso de drogas como prejudicial, reconhecendo seus efeitos, bem como, consequências. Destaca-se também, a percepção negativa dos adolescentes quando pensam em uso de drogas na adolescência, quando, na maioria das vezes, está também inteiramente ligado a questões de violência. Relacionam-se ainda tais entendimentos/percepções acerca do tema com o programa PROERD, que trabalha de forma explícita os prejuízos causados pelo uso de drogas.

Outro aspecto a ser destacado refere-se a frequência das evocações, comparando drogas lícitas (bebidas alcoólicas) com drogas ilícitas (maconha, cocaína e crack). A partir da frase indutora, foi possível perceber que os adolescentes que responderam à evocação de palavras não percebem o álcool como uma droga na mesma proporção que percebem a maconha, cocaína e crack. Acredita-se que o fato da licitude da substância (álcool) torna mais aceitável socialmente, dificultando a percepção de tal substância como droga.

Segundo Trigo *et al*. (2015), a grande maioria dos adolescentes não identifica o álcool e o tabaco como drogas, tendo uma perspectiva de que drogas são apenas as substâncias ilícitas, aquelas consideravelmente proibidas. Isso tem relação com o meio social em que o adolescente está inserido, pois em grande parte deles o termo droga e ilegal é percebido apenas por aquilo que não é aceito socialmente.

O álcool é a substância psicoativa mais consumida no período da adolescência e seu consumo vem aumentando principalmente em jovens de 12 a 15 anos. Relaciona- se à elevação desse índice à facilidade em acesso propiciada a estes, seja no mercado – onde muitas vezes apesar da Lei Federal n° 8.069/90, art. 81, que exige a identificação para menores de 18 anos é feita a liberação de bebidas alcoólicas e a não identificação desses jovens – ou em casa, onde por vezes algum membro de sua família faça o uso e o adolescente possui acesso às bebidas, em grupo de amigos e festas, em que a liberação de bebidas alcoólicas é feita na maioria das vezes sem nenhuma identificação que comprove a idade do indivíduo (JESUS *et al*., 2011; KESSLER *et al.*, 2003).

Além da evocação de palavras, os participantes responderam também a uma questão aberta sobre a motivação do adolescente para o consumo de drogas. As respostas compuseram o corpus que foi submetido a uma análise lexicográfica com auxílio do software Iramuteq. Entre diversas possibilidades que o programa apresenta, utilizou-se o recurso da nuvem de palavras. Esse recurso parte do corpus, neste caso, de 244 respostas curtas a uma pergunta aberta. Foi realizada a contagem e a identificação das palavras presente nas respostas e constrói uma nuvem de palavras, com fontes de diferentes, tamanhos correspondente ao número de vezes que a palavra esteve presente nas respostas, possibilitando uma análise da imagem gerada (figura1).

Figura 1 - Nuvem de palavras (Iramuteq)

Percebeu-se que as respostas dos participantes reafirmaram suas representações sociais sobre o uso de drogas por adolescentes. Desta forma, pode-se perceber uma frequência alta no que tange questões relacionadas a amigos, a problema, à influência familiar, usar, depressão e droga. Esse resultado foi coerente com representação social encontrada na evocação de palavras relacionadas às causas/motivações que induzem o adolescente ao uso de drogas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apontou para uma heterogeneidade no que tange à percepção dos adolescentes sobre o uso de drogas na adolescência, uma vez que no estudo de representação social foram evocadas um número elevado de palavras, retratando que os adolescentes pensam diferentemente sobre o tema referido. Entretanto, evidenciou-se na evocação de palavras duas representações sociais, uma relacionada a fatores que motivam o adolescente ao uso de drogas, como família, amigos, sofrimento, depressão, influência e tristeza, fatores reiterados na nuvem formada a partir de uma análise lexicográfica do Iramuteq, Isso reforça a ideia de que os adolescentes reconhecem as causas para o uso de drogas na adolescência. Outra representação refere-se a condições e a consequências do uso de drogas na adolescência, como morte, mal, errado, perda e burrice.

Alguns elementos como *maconha*, *proerd* e *vício* se fizeram presentes no NC do EVOC, sendo caracterizadas por um alto número de evocações, bem com palavras mais prontamente evocadas.

Algumas dificuldades relacionadas à amostragem da pesquisa retrataram a resistência em falar de tal tema, sentida na não autorização dos responsáveis à participação do menor, bem como, o esquecimento dos adolescentes na entrega dos termos aos responsáveis. Uma vez entregues, foram convidados a participar da pesquisa cerca de 900 adolescentes, dos quais 246 não aceitaram. Destaca-se como sugestão de pesquisa a possível não identificação do álcool como uma droga, visto nessa pesquisa a partir do alto índice de uso entre

os adolescentes, bem como, entre as famílias e sua incoerência com o resultado obtido no que tange à fala da família sobre uso de drogas, questionando-se sobre qual “droga” a família discute com os adolescentes.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência Normal**: Um enfoque Psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BIASUS, F.; BRANCO, S. de S. A Representação Social de meio urbano e meio rural de jovens residentes no meio rural. **Perspectiva**, Erechim, v. 37, n. 140, p. 27- 37, nov. 2013. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_370.pdf. Acesso em 10 jun. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Drogas, Direitos Humanos e Laço Social**. Brasília: CFP, 2013.

DALMOLIN, B. M.; DORING, M. **Crack e outras drogas**: múltiplas facetas do cuidado em saúde mental. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2014.

FIGUEIREDO, I. G. de A. *et al*. Álcool e outras drogas na percepção de adolescentes de escolas públicas. **Revinter**, v. 10, n. 02, p. 103-121, jun.2017. Disponível em : http://revistarevinter.com.br/minhas-revistas/2017/v-10-n-2-2017-volume-10-numero-2-junho-de-2017-sao-paulo/109-alcool-e-outras-drogas-na-percepcao-de-adolescentes-de-escolas-publicas/file. Acesso em: 10 jun. 2019.

JESUS, F. B. de *et al*. Vulnerabilidade na adolescência: a experiência e expressão do adolescente. **Rev. Gaúcha Enferm. (Online)**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 359- 367, jun. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472011000200021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 jun. 2019.

KESSLER, F. *et al*. Psicodinâmica do adolescente envolvido com drogas. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**, Porto Alegre , v. 25, supl. 1, p. 33-41, abr. 2003 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082003000400005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 05 jun. 2019.

NOVO, M. C. D' A. **Drogas:** fora da lei e dentro do usuário. São Paulo: Vox Forensis, 2010.

PENSE. Pesquisa nacional da saúde do escolar. 2015. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf. Acesso em: 18 set. 2018.

SILVA, E. A.; MICHELI, D. **Adolescência uso e abuso de drogas**: uma visão integrativa. São Paulo: Fap-Unifesp, 2011.

SPENGLER, F. M.; SILVA, S. E. S. da. A importância do programa educacional de resistência às Drogas e a violência (proerd) no tratamento de conflitos nas escolas: a mediação como prática preventiva no combate à violência escolar. **UNISC Universidade de Santa Cruz do Sul**, Santa Cruz do Sul, 2017. Disponível em: https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/view/16928/4139. Acesso em: 10 jun. 2019

TRIGO, S. *et al*. Representações sociais de adolescentes sobre o consumo de drogas. **Arq Med**, Porto, v. 29, n. 2, p. 39-45, abr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_ arttext&pid=S0871-34132015000200002&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 10 jun.2019.

A RELAÇÃO ENTRE O NÍVEL DE COMPREENSÃO LEITORA E PROCESSOS COGNITIVOS RELACIONADOS À MEMÓRIA DE ADOLESCENTES

The relation between reading comprehension level and cognitive processes related to adolescents' memory

Gabriela Binder[1]; Jacqueline Raquel Bianchi Enricone[2]

[1] Psicóloga pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Erechim. *E-mail*: gabriela.binder1@gmail.com
[2] Docente do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Erechim. *E-mail*: jenricone@uricer.edu.br

RESUMO: A leitura proporciona ao sujeito o acesso a informações e à criticidade, no entendimento e julgamento de mundo. Subjacente ao processo de compreensão leitora, encontram-se habilidades cognitivas relacionadas à memória. Este estudo objetivou investigar a relação entre o nível de compreensão da leitura textual e processos cognitivos relacionados à memória de adolescentes. Trata-se de uma pesquisa de cunho quantitativo, descritivo e de corte transversal, que se deu mediante estudo de campo. Os participantes do estudo foram 25 alunos de duas turmas de Ensino Médio, que caracterizaram uma amostra selecionada por conveniência. A coleta de dados realizou-se a partir da aplicação de uma ficha de dados sociodemográficos, socioeconômicos e outros instrumentos para identificação do nível de compreensão leitora (Técnica de Cloze) e dos processos cognitivos relacionados à memória (Teste de Aprendizagem Auditivo-Verbal de Rey e subteste Dígitos da Escala Weschsler de Inteligência para Crianças). Entre os resultados, comprovou-se uma correlação moderada entre os construtos de memória operacional e compreensão leitora. Além disso, identificou-se diferença significativa na pontuação do teste de compreensão leitora entre diferentes níveis socioeconômicos, o que pode ser explicado pela influência do ambiente ou, domínio ecológico, sobre as medidas de funções cognitivas, neste caso, a compreensão leitora.

Palavras-chave: Compreensão Leitora. Memória. Aprendizagem. Adolescentes.

ABSTRACT: Reading provides to subjects the information access and criticality, in understanding and judging the world. Underlying the reading comprehension process, there are cognitive skills related to memory. This study aimed to investigate the relation between the reading comprehension level and cognitive processes related to adolescents' memory. It is a quantitative, descriptive and cross-sectional study, that happened through field research. The participants of the study were 25 students from two High School socioeconomic levels, that constituted a convenience sample. The data collect was done by socio-demographic and socioeconomic data sheet and another instruments to identify the reading comprehension level (Cloze Technique) and the cognitive processes related to memory (Rey Auditory Verbal Learning Test and Digit Span Subtest from Wechsler Intelligence Scale for Children). Among the results, it was verified a moderate correlation between working memory and reading comprehension constructs. Furthermore, a significant difference on reading comprehension scores was verified, what is possible to explain by the influence of environment or, ecological domain, above measures of cognitive functions, at this rate, reading comprehension.

Keywords: Reading Comprehension. Memory. Learning. Adolescents.

INTRODUÇÃO

A presença da linguagem escrita no panorama atual da vida em sociedade é indiscutível. Para além da mera presença desse tipo de linguagem, discute-se a importância e a exigência de sua leitura e compreensão, habilidades que nem sempre são adquiridas com alto nível de profundidade ao longo da escolarização (OLIVEIRA; ROSA; SANTOS, 2016; BARIANI; MARTINS; SANTOS, 2005).

A percepção da realidade só é possível através de um processamento cognitivo que a converte em códigos, em um processo contínuo de tradução, que envolve a linguagem e a memória (IZQUIERDO, 2011). Da mesma forma, a compreensão textual exige em uma primeira instância a sua leitura e conversão em signos, para uma posterior atribuição de significados (OLIVEIRA; SANTOS, 2005).

Conceitualizada por Izquierdo (2011, p.11) como "aquisição, formação, conservação e evocação de informações", a memória sustenta informações que constroem a identidade pessoal e coletiva dos seres humanos, permitindo a historicidade da vida. Segundo definição de Squire (2009), a memória é uma função cerebral distinta de outras habilidades cognitivas, composta por múltiplos sistemas que operam segundo diferentes mecanismos e envolvem diferentes regiões cerebrais.

Os sistemas de memórias são identificados como de longo prazo e operacional. O primeiro permite um armazenamento de memórias por longos períodos de tempo, possibilitando sua evocação ou recuperação. Já o sistema de memória operacional mantém as informações em um plano presente, disponíveis por um período de tempo para manipulação, de acordo com as necessidades das operações mentais. A memória de curto prazo, por sua vez, recupera e mantém informações por poucos segundos após sua exposição. As memórias também são identificadas como declarativas (explícitas) e não declarativas (implícitas) e respectivamente identificadas como processos conscientes e inconscientes (IZQUIERDO, 2011; SQUIRE, 2009).

A memória declarativa é referente ao arquivamento e à recuperação de informações e fatos vivenciados pelo sujeito. Ela apresenta dois subsistemas, definidos como episódico e semântico. A memória episódica consiste em fatos e eventos experienciados pelo sujeito e a memória semântica contempla percepções e ações, aglomeradas a partir de seus significados comuns (IZQUIERDO, 2011; SQUIRE, 2009).

Subjacentes ao processo de compreensão leitora, encontram-se as complexas habilidades cognitivas de reconhecimento ou decodificação de signos, bem como de compreensão de seus significados. Esse mecanismo opera diante do acesso a conhecimentos prévios contextualizados, que só são disponibilizados a partir da memória (FUENTES *et al*., 2014; PACHECO; SANTOS, 2017; SALLES; PARENTE, 2001). Dentre os modelos de processamento da informação e, especificamente, dos processos mentais subjacentes à leitura, encontra-se o modelo de dupla-rota. O modelo descreve a leitura a partir da rota lexical e da rota fonológica, sendo que ambas iniciam após uma análise visual da informação.

A rota fonológica possibilita maior apropriação na geração da leitura de palavras desconhecidas e pseudopalavras, enquanto que por intermédio da outra rota, articula-se o estímulo visual às palavras

armazenadas no léxico do sujeito. Uma rota pode ser predominante a outra em função das características linguísticas apresentadas junto à competência do leitor. Uma maior habilidade do sujeito em compreensão leitora está relacionada ao uso de ambas as rotas concomitantemente, com predomínio da rota lexical (SALLES; PARENTE, 2001).

Gough e Tunmer (1986 apud Dias *et al*. 2014) discorrem sobre o entendimento de um modelo de leitura que corresponde à interação entre as habilidades de decodificação de signos – também designado como reconhecimento de palavras – e de compreensão linguística. Frith, (1985, 1997 apud DIAS e outros, 2014) e Frith (1985, 1997 apud DIAS, MONTIEL; SEABRA, 2012) mencionam três diferentes estratégias para o reconhecimento de palavras. Na primeira, o sujeito utiliza-se de pistas contextuais, realizando uma leitura logográfica, ou seja, a partir do reconhecimento visual de palavras como desenhos. A segunda estratégia é desenvolvida a partir da capacidade do leitor de relacionar grafemas e fonemas. Essa estratégia, nomeada de alfabética, contempla os processos de decodificação e codificação na leitura e escrita, respectivamente, atingindo maior nível de identificação de palavras novas e pseudopalavras. Na terceira estratégia, o leitor utiliza-se do léxico mental já constituído a partir de sua bagagem leitora para a concretização de uma leitura mais direta.

Ainda em relação ao reconhecimento de palavras, discute-se a habilidade de fluência do leitor, identificada como a decodificação rápida e automatizada das palavras, de forma precisa, que pode repercutir no nível de compreensão leitora. Logo, ao apresentar uma leitura fluente, o sujeito disponibiliza mais espaço da memória de trabalho para outras funções relacionadas à compreensão textual (PACHECO; SANTOS, 2017). No caso de um leitor com baixo nível de fluência, a atenção pode ser demasiadamente voltada à decodificação de palavras, dificultando a integração de elementos textuais e, portanto, a compreensão do que é lido (FELTON; MEYER, 1999; PACHECO; SANTOS, 2017).

Cancer e Antonietti (2018) descrevem um estudo que avalia construtos relacionados à compreensão leitora e à memória operacional verbal. Dentre os resultados desse estudo, evidencia-se que um grupo de adultos controle manifestou medidas significativamente maiores de memória operacional verbal em comparação a um grupo de adultos com diagnóstico de Transtorno Específico da Aprendizagem – Dislexia. Dessa forma, Cancer e Antonietti (2019) comprovam o que também é defendido por Daneman e Merikle (1996), sobre a congruente relação de predição entre os construtos de memória operacional e a compreensão leitora.

A compreensão leitora é alcançada a partir de uma interação do leitor e o material, extraindo informações que se tornem significantes (PACHECO; SANTOS, 2017; DIAS; MONTIEL; SEABRA, 2012). Dessa forma, inicialmente é necessário o reconhecimento da palavra e, posteriormente, o entendimento de seu significado particular, bem como de seu significado relacionado ao contexto da leitura (DIAS; MONTIEL; SEABRA, 2012). Pacheco e Santos (2017) ainda abrangem em seu estudo a definição de psicolínguística cognitiva, em que o processo de leitura comporta a decodificação a partir das características visuais das

palavras, além de uma integração sintática e semântica dos elementos, que correspondem a componentes imprescindíveis à compreensão leitora.

Os processos já mencionados de reconhecimento de palavras e de compreensão textual caracterizam um entre os domínios descritos por Aaron e outros. (2008) no Modelo de Componentes da Leitura. O modelo considera a implicação dos fatores cognitivos, ambientais e psicológicos no desempenho escolar da criança. Dessa forma, descrevem-se três domínios, nomeados como domínio psicológico, que abrange aspectos de motivação, interesse, estilos de aprendizagem; domínio ecológico, que envolve o ambiente do aluno, o envolvimento de sua família e aspectos culturais; e domínio cognitivo, cujos componentes de reconhecimento de palavras e compreensão textual estão em discussão no presente trabalho. Bee (2011), também assinala que aspectos ambientais interferem no desenvolvimento cognitivo e apresenta estudos em que as medidas de funcionamento cognitivo de crianças são maiores em níveis socioeconômicos mais altos.

A dificuldade na habilidade de leitura pode estar relacionada a qualquer um dos domínios descritos por Aaron e outros (2008). Entretanto, para além desses domínios, na literatura encontra-se diferentes modelos que também descrevem etapas importantes no processo de compreensão leitora. Retornando a Aaron e outros (2008), conhecer o processo subjacente à habilidade de leitura, bem como seus dificultadores, facilita a construção de estratégias que minimizem as limitações dos sujeitos nessa habilidade, desde que acessadas pelos profissionais envolvidos no processo. Compreender o processamento da informação, implica também conhecer o envolvimento da capacidade de memória, como é discutido no estudo de Faria e Júnior (2013) e reiterado no estudo de Dias e outros (2014), que afirma necessária a investigação da relação entre a memória de trabalho e os processos de velocidade de processamento e compreensão leitora.

Evidencia-se a necessidade do estudo da compreensão leitora junto à capacidade de memória do sujeito, já que muitos aspectos da leitura, como fluência, velocidade de processamento e outros relacionados à compreensão textual são passíveis de manipulação em função do acesso à memória de trabalho (DIAS e outros, 2014; PACHECO; SANTOS, 2017). Dessa forma, objetivou-se com esta pesquisa, a investigação da relação entre o índice de compreensão leitora e os processos cognitivos relacionados à memória de adolescentes de duas turmas de alunos do 1º ano do Ensino Médio.

Considerando a importância desse aspecto específico do processamento da informação para o âmbito pessoal, escolar e consecutivamente profissional dos adolescentes, bem como o importante espaço ocupado pela memória no processo (FARIA; JÚNIOR, 2013; DIAS e outros, 2014), justifica-se a análise dos índices de compreensão leitora e a memória dos participantes da pesquisa. A evidência da relação entre esses aspectos pode facilitar a construção de estratégias utilizadas nos processos de ensino para desenvolvimento da compreensão leitora dos estudantes, principalmente em um nível de escolarização que inicia a preparação do estudante para provas e exames obrigatórios para a entrada em universidades.

MATERIAL E MÉTODOS

Delineamento e participantes

O estudo refere-se a uma pesquisa de cunho quantitativo, descritivo e de corte transversal. Deu-se mediante estudo de campo, cujos participantes se configuraram em 25 alunos de duas turmas de 1º ano do Ensino Médio de duas Escolas Estaduais de Erechim. A amostra foi selecionada por conveniência, configurando-se em uma amostragem não probabilística. Dentre os 30 voluntários da pesquisa, 5 apresentaram idade superior ao limite estipulado pelos instrumentos utilizados e, dessa forma, não compõem a amostra na análise dos dados.

Procedimentos de coleta de dados

O projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) Campus Erechim, sob parecer número 02894018.9.0000.5351. Após autorizações respectivas ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para responsáveis e Termo de Assentimento para os participantes, deu-se início à coleta de dados. A aplicação foi individual, nas dependências das escolas, em horário de aula e teve duração média de 30 minutos.

Instrumentos

Realizou-se a aplicação de uma ficha de dados sociodemográficos para obtenção de informações como idade e sexo e de um questionário socioeconômico e de condições de saúde (ABEP, 2016). O nível de compreensão leitora foi avaliado a partir da Técnica de Cloze, que se configura em um texto cujos vocábulos múltiplos de cinco foram sistematicamente omitidos, dando lugar a lacunas de tamanho correspondente, posteriormente preenchidas pelo leitor (SUEHIRO, 2013). Para avaliação de processos cognitivos relacionados à memória, utilizaram-se dois instrumentos, ambos de uso exclusivo do Psicólogo e reservados por direitos autorais. O Teste de Aprendizagem Auditivo-Verbal de Rey (RAVLT), de Malloy-Diniz e Paula (2018), indicou uma medida da aprendizagem auditivo-verbal, medidas de funcionamento da memória, como a de curto prazo verbal, de curto prazo episódica verbal, de longo prazo episódica verbal e também da memória episódica verbal de reconhecimento. A aplicação do teste também forneceu uma medida de aprendizagem ao longo das tentativas de evocação de palavras, de velocidade do esquecimento, de inferência proativa e inferência retroativa. O subteste Dígitos, componente da Escala Weschsler de Inteligência para Crianças (WISC-IV), de Wechsler (2013), foi utilizado para a avaliação do índice de memória operacional, a partir de duas partes, que se configuram em Dígitos de Ordem Direta (OD) e de Ordem Inversa (OI).

Procedimento de Análise dos Dados

Inicialmente, os dados resultantes da aplicação dos instrumentos foram tabulados, gerando um banco de dados em planilha. Os dados provenientes de instrumentos psicológicos foram transpostos para percentis, a partir da avaliação de tabelas de classificação dos estudos psicométricos, de acordo com a pontuação bruta atingida pelos participantes. Para estudar a relação entre os diferentes tipos de memória e compreensão leitora, bem como analisar as demais variáveis, utilizaram-se de testes estatísticos não paramétricos, como o teste de correlação linear de Pearson e o teste de Mann-Whitney, bem como sua extensão, Kruskal-Wallis.

Os dados utilizados para compor o estudo correspondem a nível socioeconômico, provenientes da aplicação do questionário sociodemográfico; compreensão leitora, decorrente do teste Cloze; memória operacional, de acordo com os resultados do subteste Dígitos e diferentes construtos relacionados à memória, referentes ao teste RAVLT: memória de curto prazo verbal, memória de curto prazo verbal após distrator, memória de curto prazo episódica verbal, memória de longo prazo episódica verbal, memória episódica verbal de reconhecimento, medida global de aprendizagem auditivo-verbal e de aprendizagem ao longo das tentativas, retenção ou velocidade de esquecimento e suscetibilidade à interferência proativa e retroativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados alcançados com o teste de Pearson indicam correlação moderada entre os construtos de compreensão leitora e memória operacional, com valor do coeficiente r = 0,443. Resultados semelhantes são encontrados nos estudos Daneman e Merikle (1996) e de Cancer e Antonietti (2018). Os últimos autores utilizam-se de um teste similar ao da presente pesquisa para a obtenção de medidas de memória operacional, em um grupo de adultos controle e em um grupo de pessoas com diagnóstico de Transtorno Específico da Aprendizagem – Dislexia. No segundo grupo, emergiram dificuldades significativamente maiores, comprovando a relação entre os construtos de memória operacional e compreensão leitora.

Os demais índices de memória resultantes dessa análise indicam baixa correlação com compreensão leitora (r = <0,3), configurando-se em fracos preditores do construto na amostra. É possível assumir hipoteticamente que nenhum dos demais construtos vinculados a memória apresentam alta correlação por existirem diferentes fatores preditores da compreensão leitora, não sendo esta, altamente correlacionável com cada um dos construtos individualmente. Resultados de alta correlação foram encontrados entre construtos de um mesmo teste – memória de curto prazo verbal após distrator, memória de curto prazo episódica verbal e memória de longo prazo episódica verbal – o que pode confirmar a validade do instrumento RAVLT bem como sinalizar um procedimento correto de aplicação.

É possível verificar diferença estatisticamente significativa na pontuação de compreensão leitora dos participantes por níveis socioeconômicos. Os valores de significância indicam uma pontuação maior entre os participantes dos níveis socioeconômicos C1 e C2, em comparação aos participantes do nível socioeconômico B1, como destacado no quadro a seguir.

Quadro I - Comparação entre as pontuações em compreensão leitora por nível socioeconômico

Nível Socioeconômico	**A**	**B1**	**B2**	**C1**	**C2**
A	-	0,311	0,920	0,121	0,121
B1	-	-	0,129	**0,013**	**0,046**
B2	-	-	-	0,087	0,073
C1	-	-	-	-	0,329
C2	-	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa (Teste Kruskal-Wallis para amostras independentes; p=0,031. Valores de significância do teste Mann-Whitney.)

A partir de uma análise descritiva dos dados da amostra, verifica-se na tabela 1, a distribuição de estudantes por níveis socioeconômicos das duas escolas.

Tabela I - Distribuição dos participantes e escolas por nível socioeconômico

	A	**B1**	**B2**	**C1**	**C2**
Escola A	(2)	(6)	6	-	-
Escola B	-	-	4	5	2
Total	2	6	10	5	2

Fonte: Dados da pesquisa

Diante da tabela II, constata-se diferença estatisticamente significativa entre o resultado do teste Cloze por escola (Teste Kruskal-Wallis para amostras independentes; p=0,002). A Escola B tem uma distribuição maior de alunos entre os níveis B2, C1 e C2, e maior escore de compreensão leitora em comparação à Escola A.

Tabela II - Acertos das amostras por escola no teste Cloze

Variáveis	N	Média	Desvio Padrão
Escola A	14	23,60	4,08
Escola B	11	29,00	3,79

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), no último censo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2018), referente ao 9º ano das escolas estaduais participantes da pesquisa em 2017. Perante o censo, identifica-se que a Escola A apresenta um IDEB

inferior à Escola B. A hipótese é de que o perfil pedagógico da escola possa neutralizar as diferenças entre níveis socioeconômicos sugeridas nos dados apresentados por Bee (2011), no que se refere a medidas de funções cognitivas e sua relação com os níveis socioeconômicos. Desta forma, mesmo que os alunos da Escola B apresentem nível socioeconômico menor, o ambiente escolar com melhor índice de desenvolvimento pode favorecer seu desenvolvimento em compreensão leitora.

Como discutido por Aaron e outros (2008) no Modelo de Componentes da Leitura, além do domínio cognitivo, o domínio ecológico exerce influência sobre o desempenho escolar. Destarte, os aspectos ambientais, dentre eles, as experiências escolares, interferem no fator cognitivo e consequentemente na habilidade de compreensão leitora dos adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se com este estudo a investigação da relação entre o índice de compreensão leitora e os processos cognitivos relacionados à memória de adolescentes, de duas turmas do 1º ano do Ensino Médio de Escolas Estaduais. Compreender o processamento da informação implica também conhecer o envolvimento da capacidade de memória, como é discutido no estudo de Faria e Júnior (2013) e reiterado no estudo de Dias e outros (2014), que afirma necessária a investigação da relação entre a memória de trabalho e o processo de compreensão leitora. Essa proposta foi exequível neste estudo, porém de forma limitada, posto que se comprovou uma correlação entre os construtos de memória operacional e compreensão leitora, mas a nível moderado.

Entre os resultados, identificou-se diferença significativa na pontuação do teste de compreensão leitora entre diferentes níveis socioeconômicos, o que pode ser explicado pela influência do ambiente (BEE, 2011) ou do domínio ecológico (AARON e outros, 2008) sobre as medidas de funções cognitivas, no caso, a compreensão leitora. Em função da presente pesquisa configurar-se em uma amostragem pequena e não probabilística, existem limitações inerentes aos resultados estatísticos encontrados, bem como à generalização dos dados.

A evidência da relação entre os aspectos de compreensão leitora e memória operacional pode facilitar a construção de estratégias utilizadas nos processos de ensino para desenvolvimento da compreensão leitora dos estudantes. Em um nível de escolarização que inicia a preparação do estudante para provas e exames obrigatórios para a entrada em universidades, o estudo demonstra pertinência.

EBOOK TCC

REFERÊNCIAS

AARON, P. G.; JOSHI R. M.; GOODEN, R.; BENTUM, K. E. Diagnosis and Treatment of Reading Disabilities Based on the Component Model of Reading: An Alternative to the Discrepancy Model of LD. **Journal of Learning Disabilities**, vol. 41, n. 1, p. 67-84, 2008. Disponível em: http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0022219407310838. Acesso em: out. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA – ABEP. Critério de Classificação Econômica Brasil, 2016. Disponível em: http://www.abep.org/criterio-brasil. Acesso em: set. 2018.

BEE, H. Desenvolvimento Cognitivo II: Diferenças Individuais nas capacidades cognitivas. *In*: **A criança em desenvolvimento**. 12. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

BARIANI, I. C. D.; MARTINS, R. M. M.; SANTOS, A. A. A. dos. Estilos cognitivos e compreensão leitora em universitários. **Paidéia**, vol. 15 n. 30, p. 57-68, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n30/08.pdf>. Acesso em: ago. 2018.

CANCER, A.; ANTONIETTI, A. Rapid Automatized Naming, Verbal Working Memory, and Rhythm Discrimination as Predictors of Reading in Italian Undergraduate Students with and without Dyslexia. **Brain Sci**, vol. 8 n.5 p. 87, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.3390/brainsci8050087 Acesso em: jun. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 466 de 12 de Dezembro de 2012 – Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos – CONEP. 2012. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf. Acesso em: set. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 510 de 07 de Abril de 2016 – Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais – CONEP. 2016. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: set. 2018.

DANEMAN, M.; MERIKLE, P.M. Working memory and language comprehension: A meta-analysis. **Psychonomic Bulletin & Review**, v. 3 n. 4, 1996, p. 422-433. Disponível em: https://doi.org/10.3758/BF03214546> Acesso em: jun. 2019.

DIAS, N. M.; MACEDO, E.C.; OLIVEIRA, D. G. de; SEABRA, A. G.; SILVA, P. B. da. Reading Component Skills in dyslexia: word recognition, comprehension and processing speed. **Frontiers in Psychology**, v. 5, n. 1339, p. 1-6, 2014. Disponível em: https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2014.01339/full. Acesso em: out. 2018

DIAS, N. M.; MONTIEL, J. M; SEABRA, A. G. Estudo fatorial dos componentes da leitura: velocidade, compreensão e reconhecimento de palavras. **Psico-USF**, Itatiba, v. 17, n. 2, p. 273-283, 2012 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712012000200011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: out. 2018.

FARIA, E. L. B.; JÚNIOR, C. A. M. Os Recursos da Memória de Trabalho e suas Influências na Compreensão da Leitura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33 n. 2, p. 88-303, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932013000200004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: out. 2018.

FELTON, R. H.; MEYER, M. S. Repeated Reading to Enhance Fluency: Old Approaches and New Directions. **Annals of Dyslexia**, v. 49, p. 283-306, 1999. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2Fs11881-999-0027-8.pdf> Acesso em: out. 2018.

FUENTES, D.; MALLOY-DINIZ, L. F.; CAMARGO, C. P.; COSENZA, R. M. **Neuropsicologia**: Teoria e Prática. 2. ed. ArtMed, 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP**)**. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). **Portal do Governo Brasileiro**, 2018. Disponível em: http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=1804327 Acesso em: jun. 2019.

IZQUIERDO, I. **Memória**. 2. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2011. [recurso eletrônico]

MALLOY-DINIZ, L. F.; PAULA, J. J. de. **Teste de aprendizagem auditivo-verbal de Rey (RAVLT)**: livro de instruções. São Paulo: Vetor, 2018.

MCGAUGH, J. L. Consolodating Memories. **Annual Review of Psychology**, v. 66, p. 1-24, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010814-014954. Acesso em: set. 2018.

OLIVEIRA, K. L. de, ROSA, M. T.; SANTOS, A. A. A. dos. Compreensão em Leitura no Ensino Fundamental. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36 n. 3, p. 546-557, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000300546&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: set2018.

OLIVEIRA, K. L. de.; SANTOS, A. A. A. dos. Compreensão em Leitura e Avaliação da Aprendizagem em Universitários. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18 n. 1, p. 118-124, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n1/24825.pdf. Acesso em: set. 2018.

PACHECO, V.; SANTOS, A. de J. A fluência e compreensão leitora em diferentes níveis de escolaridade. **Revista do Instituto de Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p. 232-256, 2017. Disponível em: http://llp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/172/116. Acesso em: out. 2018.

SALLES, J. F.; PARENTE, M. A. M. P. Relação entre os processos cognitivos envolvidos na leitura de palavras e habilidades de consciência fonológica em escolares. **Pró Fono Revista de Atualização Científica**, Carapicuíba (SP), v. 14, n. 2, p. 175-186, 2001. Disponível em: http://www.ufrgs.br/neurocog/ambulatorio/tarefa-de-leitura-de-palavras-isoladas. Acesso em: set. 2018.

SQUIRE, L. R. Memory and Brain Systems: 1969 – 2009. **Journal of Neuroscience**, v. 29 n. 41. p. 12711-12716, 2009. Disponível em: http://www.jneurosci.org/content/29/41/12711. Acesso em: set. 2018.

SUEHIRO, A. C. B. Produção Científica sobre o Teste de Cloze. **Psicologia Escolar e Educacional** vol. 17, n. 2, p. 223-232, 2013. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282329398004. Acesso em: out. 2018.

WECHSLER, D. Escala Wechsler de Inteligência para crianças: WISC-IV: **Manual de Instruções para Aplicação e Avaliação**.4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

ADAPTAÇÃO ACADÊMICA, AUTOEFICÁCIA ACADÊMICA E AUTOESTIMA EM UNIVERSITÁRIOS

Academic adaptation, academic self-efficacy and seff esteem in college studensts

Carini Zambiasi Vieira[1]; Cassandra Cardoso[2].

[1]Psicóloga pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim. *E-mail:* carinizvieira@gmail.com
[2]Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim, Doutora em Psicologia na Área de Avaliação Psicológica – USF – São Paulo. *E-mail:* cassandra@uricer.edu.br

RESUMO: A presente investigação teve como objetivo correlacionar Adaptação Acadêmica, Autoeficácia Acadêmica e Autoestima em universitários do terceiro semestre de uma universidade comunitária do norte do Rio Grande do Sul. A amostra foi composta por 66 alunos de diferentes cursos de graduação. A maioria dos participantes foi do sexo feminino (n = 54, 80,6%), com idade média de 21,17 anos (DP = 5,46). A coleta foi online e os instrumentos utilizados foram: Questionário de Adaptação ao Ensino Superior (QAES), Escala de Autoeficácia da Formação Superior (AEFS) e a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR). Para a análise dos dados, foram utilizadas correlações de *Pearson*. Os resultados indicaram intensidade moderada em todas as correlações. Entre adaptação ao ensino superior e autoeficácia acadêmica, o valor foi de r = 0, 64 (p < 0,01), entre autoeficácia acadêmica e autoestima foi de r = 0,50 (p < 0,01) e entre adaptação ao ensino superior e autoestima foi de r= 0, 62 (p < 0,01). Os resultados indicam a hipótese de que o incremento da autoestima pode aumentar a autoeficácia acadêmica e a própria adaptação ao ensino superior, que deve ser avaliada por pesquisas posteriores.

Palavras-chave: Adaptação Acadêmica. Autoeficácia Acadêmica. Autoestima. Universitários.

ABSTRACT: This research aimed to correlate Academic Adaptation, Academic Self-Efficacyand Self-Esteem in university students from the third semester of a community university in the north of Rio Grande do Sul. Sixty-six students participated is this research from the diferent graduation courses. Most of the sample are female (n = 54, 80.6%) and the mean age is 21.17 years (SD = 5.46). The data collection was online and the following instruments were used: Academic Adaptation Questionnaire (QAES), Academic Self-Efficacy Scale for Higher Education Students (AEFS) and Rosenberg Self-Esteem Scale (EAR). For the data analysis, *Pearson* correlations were used. The results indicated moderate correlations between adaptation to higher education and academic self-efficacy (r = 0, 60, p < 0,01) the correlations between academic self-efficacy and self-esteem were also moderate (r = 0,50, p < 0,01). And the correlations between adaptation to higher education and self esteem were moderate (r = 0, 62, p < 0,01). The results suggest the hypothesis that incresead self-esteem can increase the Academic Self-Efficacy and Academic Adaptation at university education. This hypothesis must be avaliated by other studies.

Keywords: Academic Adaptation. Academic Self-Efficacy. Self Esteem. College Students.

INTRODUÇÃO

O processo de transição e adaptação à universidade é complexo e multidimensional, pois depende de diversos fatores: institucionais, sociais e individuais (ALMEIDA; SOARES, 2004). A adaptação ao contexto universitário vai além do processo de aprendizagem e de competências relacionadas ao curso escolhido. Ela

se relaciona com a permanência do jovem na universidade e o ajustamento neste novo ambiente social, que envolve as regras e a cultura da instituição, além do novo modo de vida, com novas obrigações (ARAÚJO; ALMEIDA; FERREIRA; SANTOS; NORONHA; ZANON, 2014).

O tema da adaptação à universidade é muito relevante tanto socialmente, considerando-se os valores investidos pelo governo federal brasileiro, quanto pelas famílias dos universitários, no ingresso ao ensino superior. No ano de 2017, por exemplo 3.226.249 estudantes ingressaram no ensino superior no País (INEP, 2019).

Em relação aos recursos individuais dos acadêmicos, percebe-se a importância de avaliar a sua autoeficácia, visto que é um fator cognitivo que é concebido durante a vida e é vivenciada de forma única por cada sujeito, portanto subjetiva. Em relação ao ensino, é entendida pelas crenças que o aluno possui de que é capaz de realizar e organizar atividades exigidas pelo seu curso (POLYDORO; GUERREIRO-CASANOVA, 2011).

Já a autoestima é outro aspecto que afeta questões como estudo, trabalho e vida pessoal das pessoas e a forma como elas se sentem em relação a si mesmas. Ela se caracteriza pelo julgamento que o sujeito faz de si mesmo, de forma positiva ou negativa, ou seja, de autoaprovação ou depreciação e o quanto o sujeito se considera capaz, significativo e bem-sucedido. (ROSENBERG, 1989; BRANDEN, 2000).

Uma pesquisa realizada com 404 universitários, com idade mínima de 17 anos e máxima de 45 anos (M = 19,61; DP = 4,87), teve como objetivo analisar os níveis de adaptação do estudante ingressante e verificar o quanto eles estão associados com a autoeficácia acadêmica e a autorregulação da aprendizagem. Para isso, utilizou o Questionário de Adaptação ao Ensino Superior (QAES), a Escala de Autoeficácia Acadêmica de Estudantes do Ensino Superior (AEFS) e o Inventário de Processos de Autorregulação da Aprendizagem (IPAA). Nos resultados, as correlações entre QUAES Total e AEFS Total foram de 0,62 ($p< 0,01$) enquanto a correlação entre QAES total e IPAA Total foram de 0,42 ($p< 0,01$). A autora concluiu que, quanto maiores foram os escores de adaptação do acadêmico, maiores foram a sua autoeficácia e a autorregulação da aprendizagem (DALBOSCO, 2018).

Uma pesquisa longitudinal foi realizada com acadêmicos do primeiro ano do ensino superior, com o objetivo de correlacionar a autoeficácia acadêmica e a vivência acadêmica. Os dados foram coletados em dois momentos, com seis meses de intervalo entre eles. Utilizaram-se dois instrumentos: a Escala de Autoeficácia na Formação Superior – AEFS e o Questionário de Vivência Acadêmica – QVAr. Participaram da pesquisa 189 estudantes, com idade entre 18 e 26 (IM = 25,73; DP = 7,777). O resultado indicou um índice de correlação entre os constructos de autoeficácia e adaptação acadêmica ($\rho = 0,70$; $p = 0,0001$). No entanto, entre os dois momentos do estudo, houve diminuição da intensidade da correlação, passando de correlação forte ($\rho = 0,70$; $p< 0,01$) na primeira fase, para correlação moderada ($\rho = 0,67$; $p< 0,01$) na segunda fase. Também neste estudo, a autoeficácia no ensino superior se relacionou positivamente com a adaptação acadêmica (POLYDORO; GUERREIRO-CASANOVA, 2011).

A autoestima também se correlaciona com autoeficácia. Em uma pesquisa que avaliou, entre outros aspectos, a correlação entre autoestima e autoeficácia, da qual participaram 327 mulheres, os constructos tiveram correlação de r = 0,68 (p < 0,01). Desta forma, os autores concluíram que acreditar nas próprias capacidades para lidar com problemas, desafios estão associados (SOUZA; HUTZ, 2016).

A partir do exposto, este trabalho teve como objetivo central investigar se há relação entre Adaptação Acadêmica, Autoeficácia Acadêmica e Autoestima em jovens universitários do terceiro semestre de uma universidade comunitária.

MATERIAIS E MÉTODOS

Participantes

Participaram da pesquisa 66 universitários do terceiro semestre das áreas de saúde e humanas de uma universidade comunitária, que tem 27 anos e possui um total de dois campus, com 27 cursos presenciais e 21 a distância. Os participantes foram provenientes dos cursos presenciais de Pedagogia (n = 10; 14,9%), Psicologia (n = 9; 13,4%), Medicina (n = 14; 20,9%),
Odontologia (n = 10; 14,9%), Nutrição (n = 5; 7,5%), Enfermagem (n = 3; 4,5%), Educação Física Licenciatura (n = 2; 3,0%), Educação Física Bacharelado (n = 6; 9,0%) e Fisioterapia (n= 7; 10,4%). Destes 80,6 % (n = 54) foram do sexo feminino e 17,9 % (n = 12) do sexo masculino. A idade variou entre 18 e 51 anos (IM = 21,17; DP = 5,46).

INSTRUMENTOS

Questionário Sociodemográfico

Referentes à renda familiar, de acordo com os critérios de Classificação Econômica Brasil da Associação Brasileira de Pesquisa (ABEP, 2016). A classificação final é de seis níveis de extratos socioeconômicos (A, B1, B2, C1, C2, D-E) sendo o “D - E” o mais baixo e “A” o mais alto.

Questionário de Identificação

Solicitou informações como idade, ano de nascimento, sexo, curso, semestre atual, turno, se já cursou alguma graduação, se concluiu, se sim qual, se não até qual semestre, se trabalha.

Questionário de Adaptação ao Ensino Superior – QAES foi construído e validado por Araújo *et al*. (2014).

É um instrumento de autorrelato que avalia a adaptação ao ensino superior em cinco dimensões: social, pessoal, institucional, estudo e carreira. O instrumento possui 40 itens, com escala de resposta likert (um – discordo totalmente a cinco – concordo totalmente). Em uma análise fatorial realizada, todas as dimensões apresentam valor acima de 0,70 no coeficiente alfa de Cronbach, o que indica que há evidências de validade (Dalbosco, 2018).

Escala de Autoeficácia da Formação Superior AEFS (POLYDORO; GUERREIRO-CASANOVA, 2010)

É um inventário de autorrelato que tem como objetivo identificar a percepção dos estudantes em relação às suas crenças de autoeficácia na formação superior. Contém cinco fatores: autoeficácia acadêmica, autoeficácia na regulação da formação, autoeficácia na interação social, autoeficácia em ações proativas e por fim autoeficácia na gestão acadêmica. O questionário é composto por 34 itens, nos quais as respostas são tipo likert, de 10 pontos de modo que o valor 1 corresponde a pouco capaz e o valor 10, a muito capaz. A principal evidência de validade da escala é baseada na análise fatorial exploratória das cinco dimensões, cujos fatores já foram citados. Apresentaram índices de consistência interna favoráveis, acima de 0,70.

Escala de Autoestima de Rosenberg (HUTZ; ZANON, 2011)

É um instrumento unidimensional que mede o conjunto de sentimentos de autoestima e autoaceitação que avalia a autoestima global. Contém dez frases em que seis são referentes a uma visão positiva de si mesmo e quatro a uma visão autodepreciativa. O tipo de resposta é por uma escala tipo Likert. Nos estudos de evidências de validade, em amostras brasileiras, o coeficiente alfa de Conbrach variou entre 0,68 e 0,86.

Procedimentos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-URI Erechim, com Parecer nº 3.115.874. Também foi solicitado para a universidade uma autorização do diretor geral, para a realização da pesquisa com acadêmicos da instituição. Além disso, os coordenadores dos cursos de graduação participantes autorizaram e auxiliaram no processo de comunicação e acesso às turmas participantes. Nesse processo, a pesquisadora acadêmica explicou os objetivos da pesquisa, bem como as questões éticas.

A coleta foi realizada de forma virtual. O protocolo online foi elaborado na Plataforma Google Docs e era constituído por autorização, dados de identificação, questionário socio demográfico, questionário de adaptação ao ensino superior – QAES, escala de autoeficácia da formação superior – AEFS e escala de autoestima de Rosenberg – EAR. O protocolo de pesquisa foi enviado aos participantes para o e-mail

institucional da Universidade e grupo de WhatsApp dos acadêmicos, tiveram um prazo de três semanas para responder.

Análise de Dados

Os resultados foram submetidos às análises estatísticas descritiva e inferencial. Para a avaliação dos dados sociodemográficos foi utilizada a estatística descritiva com média, desvio padrão e percentual. Na análise inferencial, realizou-se a análise correlacional de *Pearson* dos escores das escalas e seus fatores. Antes disso, foi verificada a normalidade de distribuição dos dados pelo método Kolmogorov-Smirnov, para a escolha do método de correlação. Foi adotado o critério de significância $p < 0,01$. A intensidade das correlações foi classificada com base em Dancey e Reidy (2019), como fraca [0,1 a 0,3], moderada [0,4 a 0,6] ou forte [0,7 a 0,9].

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de questionário de classificação econômica foi possível identificar que a maioria dos 66 participantes são provenientes das classes econômicas A (N = 20; 30,3%), B1 (N = 17; 25,8%), B2 (N= 17; 25,8%), C1 (N = 10; 15,2%) e apenas dois participantes se encontram nas classes C2 (N = 1; 1,5%) e D-E (N= 1; 1,5%). Em relação ao trabalho, 34 (51,5% dos acadêmicos) não trabalham e 32, 48,5% trabalham.

Por meio da aplicação das três escalas Questionário de Adaptação ao Ensino Superior - QAES, Escala de Autoeficácia da Formação Superior – AEFS e Escala de Autoestima de Rosenberg - EAR, a pesquisa teve como objetivo correlacionar os construtos por elas investigados, buscando avaliar a relação entre a autoeficácia acadêmica e a autoestima com o processo de adaptação do acadêmico no ensino superior.

Na análise de correlação dos construtos, os resultados indicaram uma correlação moderada de $r = 0,64$ ($p < 0,01$) entre a adaptação ao ensino superior e autoeficácia acadêmica, (vide Tabela 1). Alguns estudos já haviam demonstrado que a Adaptação Acadêmica e Autoeficácia Acadêmica, possuem correlação positiva. Dalbosco (2018), obteve o total de 0,62 ($p< 0,01$) ao correlacionar estes dois construtos. Ainda, em pesquisa realizada por Polydoro e Guerreiro-Casanova (2011) tiveram alta correlação entre adaptação acadêmica e autoeficácia acadêmica ($\rho = 0,71$; $p = 0,01$). Desta forma, o resultado da correlação encontrado nesse estudo está de acordo com estudos anteriores.

Na análise da correlação entre autoeficácia acadêmica e autoestima, obteve-se correlação moderada $r = 0,50$ ($p < 0,01$) (vide Tabela I). O resultado foi similar ao do estudo, de Souza e Hutz (2016), que apresentou correlação de $r = 0,68$ ($p < 0,01$) entre Autoeficácia e Autoestima.

Entre a adaptação ao ensino superior e a autoestima atingiu correlação moderada $r = 0,62$ ($p < 0,01$)

(vide Tabela I).

Tabela I - Correlação entre Adaptação Acadêmica, Autoeficácia Acadêmica e Autoestima

	1	2	3
1.Total QAES	1	0,64**	0,62**
2.Total AEFS	-	1	0,50**
3. Total EAR	-	-	1

**p < 0,01 Total QAES = Questionário de Adaptação ao Ensino Superior, TOTAL AEFS = Escala de Autoeficácia da Formação Superior e TOTAL EAR = Escala de Autoestima de Rosenberg.

Posteriormente foram realizadas análises de correlação entre os fatores das Escalas e seus totais (vide Tabela II). O fator "Adaptação ao Estudo/Estudo" do QAES, que está relacionada à capacidade do estudante de aprender e dedicar-se aos estudos, teve correlação de r = 0,70 (p < 0,01) em relação à AEFS Acadêmica e de r= 0,66 (p < 0,01) com a AEFS na Gestão Acadêmica. A adaptação à rotina de estudos está relacionada à autoeficácia na gestão das atividades acadêmicas e na autoeficácia acadêmica. Já a AEFS Regulação da Formação envolve a autoconfiança na autorregulação das atividades do curso e sua associação com o QAES Estudo foi de r = 0,65 (p < 0,01) e a AEFS Ações Proativas teve correlação de r = 0,67 (p < 0,01) com o QAES Estudo. Parece que os aspectos de organização e adaptação para o estudo e sua sistematização estão relacionados com aspectos de autoeficácia. Na formação superior, a Autoeficácia Acadêmica é definida pelas crenças que o aluno possui de que é capaz de realizar e organizar atividades exigidas pelo seu curso (POLYDORO; GUERREIRO- CASANOVA, 2011), portanto ter autoeficácia interfere positivamente na aprendizagem.

Em pesquisa realizada por Dalbosco (2018), também se obtiveram correlações moderadas entre Adaptação ao Estudo do QAES e as dimensões da Escala de Autoeficácia Acadêmica. Tendo ênfase na dimensão Acadêmica com correlação de r = 0,52 (p < 0,01), mostrando coerência entre os dois constructos, pois ambos se relacionam com a capacidade que o estudante possui de aprender e dedicar-se aos estudos. E no que diz respeito à Autoeficácia na Gestão Acadêmica r = 0,52 (p < 0,01), expondo que adaptação ao estudo se relaciona com a capacidade do estudante de se organizar, para cumprir prazos e atividades estabelecidas pelo curso. Esses indicadores também são encontrados em pesquisa realizado por Guerreiro-Casanova e Polydoro (2011).

Já o QAES Social teve correlação de r = 0,68 (p < 0,01) com AEFS Interação Social. Isso quer dizer que muito da adaptação social dos participantes está relacionada à sua percepção de autoeficácia nas interações sociais a capacidade que o aluno possui de se relacionar com colegas e professores. Em estudos anteriores, Dalbosco (2018), obteve correlação de r = 0,55 (p < 0,01) entre os construtos e Guerreiro-

Casanova e Polydoro (2011), de ρ = 0,66 (p < 0,01).

Na adaptação a Carreira do QAES, que está relacionada à segurança e á satisfação em relação à escolha do curso, a correlação foi moderada com a Autoeficácia Acadêmica (r = 0,57, p < 0,01); Autoeficácia na Gestão Acadêmica (r = 0,60, p < 0,01); e Autoeficácia na Regulação da Formação (r = 0,58, p < 0,01).

Já o total da Escala de Autoestima de Rosenberg correlaciona-se fortemente com todas as subescalas de Autoeficácia Acadêmica (vide Tabela 2), mostrando que acreditar no próprio potencial de forma positiva, influencia na capacidade do sujeito de acreditar que é capaz de realizar suas atividades, lidar com problemas e desafios no ambiente acadêmica (SOUZA; HUTZ, 2016). Em relação à Adaptação Pessoal do QAES, foi possível observar que o total do EAR se correlaciona de forma moderada r = 0,55 (p < 0,01), mostrando, desta forma, que ter autoestima auxilia na adaptação do acadêmico

Tabela II – Correlação entre Adaptação Acadêmica, Autoeficácia Acadêmica e Autoestima e os itens de Adaptação Acadêmica e Autoeficácia Acadêmica

	QAES Social	**QAES Pessoal**	**QAES Estudo**	**QAES Institucional**	**QAES Carreira**
AEFS Acadêmica	0,40**	0,29*	0,70**	0,33**	0,57**
AEFS Regulação	0,29	0,16	0,65**	0,37**	0,58**
AEFS Ações Proativas	0,29	0,07	0,67**	0,31*	0,42**
AEFS Interação Social	0,68**	0,24	0,55**	0,27*	0,28*
AEFS Gestão Acadêmica	0,25	0,13	0,66**	0,43**	0,60**
EAR - Total	0,45**	0,55**	0,38**	0,31*	0,29*

Nota: **p < 0,01; QAES (Questionário de Adaptação ao Ensino Superior); AEFS (Escala de Autoeficácia da Formação Superior) e EAR (Escala de Autoestima de Rosenberg).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo central da pesquisa de correlacionar Adaptação Acadêmica, Autoeficácia Acadêmica e Autoestima obtiveram-se correlações moderadas entre QAES e AEFS, mostrando que a autoeficácia pode auxiliar na adaptação do aluno na trajetória de aprendizagem para a carreira.

A Autoeficácia também se relaciona com a Autoestima. Na correlação entre Adaptação Acadêmica e Autoestima, houve correlação moderada dos totais das escalas, tendo ênfase no fator QAES Pessoal, mostrando que a autoestima interfere no processo de adaptação universitária, principalmente no quesito de

adaptação pessoal.

Visto que a adaptação ao ensino superior é um processo complexo que envolve questões pessoais e institucionais, os resultados deste estudo podem fornecer elementos para que as universidades prestem apoio e acompanhamento aos acadêmicos ingressantes em relação a aspectos emocionais e cognitivos (FERREIRA; ALMEIDA; SOARES, 2001). O estudo demonstrou como é importante incentivar e até avaliar a autoeficácia dos alunos ingressantes, para auxiliar na sua adaptação acadêmica. Aspectos como orientações pela própria Universidade na organização das tarefas e estudos também podem incentivar os alunos em sua autoeficácia acadêmica.

Dentre as limitações deste estudo, destaca-se o fato de que foi realizado com um número limitado de acadêmicos, além de ter sido realizada apenas em uma instituição de ensino comunitária, podendo se estender em instituições privadas e públicas e em outras cidades e estados.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos à Dra. Simone Nenê Portela Dalbosco pela leitura e sugestões para a versão final do artigo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Os estudantes universitários: Sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. **Estudante universitário**: características e experiências de formação. Taubaté/SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004, p. 15-40.

ARAÚJO, A. M; ALMEIDA, L. S.; FERREIRA, J. A.; SANTOS, A. A.; NORONHA, A. P.; ZANON, C. Questionário de Adaptação ao Ensino Superior (QAES): Construção e validação de um novo questionário. **Psicologia, Educação e Cultura**, Braga Portugal, v. 18, n. 1, p. 131-145, 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. São Paulo: 2018.

BRANDEN, N. **Autoestima:** Como aprender a gostar de si mesmo. São Paulo: Saraiva, 2000.

DALBOSCO, S. N. P. **Adaptação Acadêmica no Ensino Superior**: estudos com ingressantes. Campinas, 2018, 135 f. Tese Doutorado (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia) – Universidade de São Francisco, São Paulo, 2018.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. **Estatística sem Matemática para Psicologia**. São Paulo: Penso, 2019.

FERREIRA, J. A.; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Adaptação acadêmica em estudantes do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudantes e cursos. **Psico**, Universidade de São Francisco, vol. 6, n. 1, p. 1-10, 2001.

HUTZ, C. S.; ZANON, C. Revisão da Adaptação, Validação e Normatização da Escala de Autoestima de Rosenberg. **Avaliação Psicológica**, Ribeirão Preto, v.10, n. 1, p. 41-49, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2017 [recurso eletrônico]. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019.112 p.

POLYDORO, S. A. J. **O trancamento de matrícula na trajetória acadêmica do universitário**: condições de saída e de retorno à instituição. 2000. 175 f. Tese Doutorado - Universidade de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 2000.

POLYDORO, S. A. J.; GUERREIRO-CASANOVA, D. C. Autoeficácia e integração ao ensino superior: um estudo com estudantes de primeiro ano. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 13, n.1, p. 75 - 88, 2011.

POLYDORO, S. A. J.; GUERREIRO-CASANOVA, D. C. Escala de Autoeficácia na Formação Superior: construção e estudo de validação. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, vol. 9, n.2, p. 267-278, 2010.

ROSENBERG, M. Society and the adolescent self-image. **Princeton: Princeton University Press**, 1989.

SOUZA, L. K.; HUTZ, C. S. A autocompaixão em mulheres e relações com autoestima, autoeficácia e aspectos sociodemográficos. **Psico-Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 89-98, 20

URI

ERECHIM